INSOMNIA MAGAZINE N.º 1
ABRIL 2015 • SEMESTRAL • ONLINE • GRÁTIS
9 772183 505009 01

You can sleep when you die

POR GONÇALO PINTO JORGE

É com um grande orgulho que vejo concluída a primeira etapa de um projeto editorial único e especial: a INSOMNIA Magazine.
É único porque não existe em Portugal nenhuma outra revista do género, aliando o erotismo à cultura e à arte, e sendo disponibilizada de forma absolutamente livre e gratuita. É especial porque é o fruto de uma paixão: a paixão pela beleza, pela elegância, pelo erotismo. O que nos move é isso. Iniciámos este projeto com a ambição de criar algo bom que nós mesmos gostássemos de folhear e apreciar. Apenas isso. E foi o que procurámos fazer nestas páginas, porque é isso que nos faz vibrar.
Os ensaios fotográficos com as mulheres (nuas, claro está) mais fabulosas, captadas pelas objetivas de alguns dos mais talentosos fotógrafos da atualidade são os pilares desta nossa publicação.
Fazia falta um espaço onde a beleza feminina pudesse ser apresentada e contemplada sem pudores, sem preconceitos e de olhos bem abertos. Aqui a nudez é algo de bom e a mulher surge sempre valorizada, confiante, forte e encantadora.
Mas não só de fotografia erótica se faz esta revista. Aqui apresentaremos também tudo o resto que nos tira o sono e que nos deixa a sonhar… mas de pálpebras arregaladas!
Dormir vai ter de ficar mesmo para mais tarde. É esse o nosso lema.

INSOMNIA Magazine: you can sleep when you die.

ESTATUTO EDITORIAL

1. A INSOMNIA Magazine é uma publicação semestral, *online* e gratuita, acessível na *internet* através do endereço www.insomniamagazine.com;
2. A INSOMNIA Magazine pretende propiciar, através de texto e imagem, uma ampla abordagem dos mais importantes e interessantes temas para o público masculino adulto, culto e moderno. Estes temas abrangem vários domínios, com especial enfoque em: fotografia erótica, cultura, arte, sociedade, moda, desporto, tecnologia e lazer;
3. A INSOMNIA Magazine é uma publicação autónoma e independente do poder político, religioso, económico ou outros;
4. A INSOMNIA Magazine identifica-se com os valores da integridade, cidadania e paixão pela arte, comprometendo-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas;
5. A INSOMNIA Magazine defende a democracia pluralista e solidária, o pluralismo de opinião, sem prejuízo de poder assumir as suas próprias posições;
6. A INSOMNIA Magazine segue as orientações definidas neste Estatuto Editorial e pela sua Direção.

Foto: Ana Dias

insomnia
MAGAZINE

108

122

NA CAPA
YANA PROTASOVA
FOTOGRAFADA POR ANA DIAS.

Joana Silva, 33 anos, já viajou o mundo dançando no varão. Aqui, em pose acrobática, vemos a bailarina em pleno metro de Nova Iorque.

Foto: John Diaz

POLE DANCER

Os tempos mudam e aquilo que era apenas uma performance sensual tornou-se numa modalidade artística, algures na fronteira entre a dança e a acrobacia: Joana Silva mostrou-nos a sua paixão e ficámos rendidos.

POR GONÇALO PINTO JORGE

Quando pensamos em *pole dance*, a primeira ideia que nos vem à cabeça é a de *striptease*. Afinal, para a maioria de nós, a dança do varão é uma forma de entretenimento masculino geralmente praticada por mulheres com pouca roupa em espaços mal iluminados. Tudo bem até aqui, mas *pole dance* é bem mais do que isso. "A minha luta nos últimos anos tem sido mostrar e divulgar o *pole dance* enquanto modalidade artística", diz-nos Joana Silva, de 33 anos e bailarina de *pole dance* há oito. Joana faz parte de uma geração de *pole dancers* que consegue trazer a modalidade para a esfera artística ao mais alto nível, como provam as suas cada vez mais frequentes aparições em conceituados palcos, como o do Casino Estoril, onde já dançou integrada no elenco de três espetáculos por ela coproduzidos.

"É sem dúvida uma arte, porque permite ao *performer* expressar o que sente e o que pensa, criando emoções através do seu movimento", explica Joana.

A bailarina também se tem destacado além-fronteiras, nomeadamente no campeonato The Art of Pole Dance Slovenia, onde em 2012 subiu ao terceiro lugar do pódio. "Foi um grande prazer ver a parte artística da minha performance reconhecida. Nesta competição é o que mais importa e não tanto as acrobacias", conta-nos. O mundo das competições já era, contudo, conhecido da bailarina que, antes de o ser, fora ginasta acrobata medalhada. Joana Silva é também professora da sua arte há sete anos, dando aulas por todo o mundo: Suíça, Reino Unido e Egipto foram os seus mais recentes destinos de viagem. Joana não dorme! Vive a sua paixão e, mais do que isso, partilha-a com uma elegância e graciosidade indescritíveis, com uma leveza etérea, com uma sensualidade hipnotizante que não nos deixa indiferentes. Para ela o *pole dance* é uma arte. Para nós também. •

DANIELA NA CHANEL

Modelo portuguesa brilha na Semana da Moda e Alta-Costura de Paris ao desfilar para a prestigiada marca Chanel.

POR GONÇALO PINTO JORGE

Embora o ano ainda não vá a meio, podemos facilmente apontar Daniela Hanganu como a grande revelação de 2015 da moda portuguesa. A jovem loira, de olhos verdes, de compleição delicada e olhar inocente desfilou recentemente para a prestigiada marca Chanel, tornando-se a segunda portuguesa a fazê-lo depois de Susana Sabino nos finais da década de 80.
A modelo de 17 anos brilhou na passerelle da Semana da Moda de Alta-Costura de Paris a 27 de janeiro, de coordenado preto rendado e chapéu condizente. Karl Lagerfeld, o excêntrico diretor criativo da Chanel, terá inclusivamente elogiado a beleza da manequim, que admite estar a viver um sonho. "Não acredito ainda que aconteceu" conta Daniela, em relação à sua estreia para a marca francesa.
Filha de imigrantes, nasceu em Chisinau, na Moldávia, mas vive em S. Domingos de Rana, Cascais, desde os cinco anos de idade. Pouco depois de uma tímida estreia no mundo da moda, pela mão do cabeleireiro e maquilhador holandês Anton Beill, Daniela foi agenciada pela Central Models e o sonho começou.
Primeiro por cá, desfilando nas passerelles da Moda Lisboa e Portugal Fashion, posando para várias marcas, aparecendo em capas de revista como a DIF ou a ParQ; e depois também por lá, contando as marcas Dior e Louis Vuitton com trabalhos da modelo.
As manequins que admira incluem Toni Garrn, Daphne Groeneveld, Karlie Kloss, Kate Moss, Doutzen Kroes, Adriana Lima, Natalia Vodianova, Lindsey Wixon, Frida Gustavsson e, claro, a portuguesa Sara Sampaio. Esta última, após o desfile de alta-costura da Chanel, demonstrou-se feliz com o sucesso da colega e não lhe poupou elogios, tendo-a descrito, na sua página de Facebook, como "um dos futuros rostos da moda em Portugal".
O sucesso de Daniela passa pela sua beleza, mas a ambição e o profissionalismo são características que definem a manequim. Dos estilistas com quem ambiciona trabalhar destaca Elie Saab – "é aquele desfile em que eu sinto uma coisa aqui dentro a dizer: 'Oh meu Deus, se eu pudesse'...". Nós sabemos que podes, Daniela.

Foto: Sal Nunkachov

DDIARTE!

Duo português vence o cobiçado galardão de Fotógrafo Europeu do Ano.

A dupla de fotógrafos portugueses DDiarte recebeu, a 1 de março, o galardão de Fotógrafos Europeus do Ano pela FEP - Federação Europeia de Fotógrafos. Trata-se da segunda vez que o troféu vem para Portugal, após a distinção de André Boto em 2010.
"É uma grande honra ver o nosso trabalho reconhecido entre alguns dos melhores fotógrafos da atualidade", confidenciaram, pouco após o anúncio do vencedor em Trieste, Itália.
Naturais da ilha da Madeira, Diamantino Jesus e Zé Diogo, trabalham juntos desde 2003 no projeto artístico intitulado DDiarte.
Dedicam-se sobretudo à fotografia digital manipulada artisticamente, cujo mérito tem sido reconhecido através de numerosos prémios. No centro das suas criações aparece frequentemente o corpo humano, de forma hedonista e sensual, em composições cuidadosamente pensadas e plenas de detalhe.
Para além do reconhecimento dos DDiarte pelos seus pares, o seu trabalho é também altamente valorizado por colecionadores, sendo possível, por exemplo, encontrar mais de duas dezenas de obras da dupla na Coleção Berardo.

Curso sobre CR7 no Canadá

Está a decorrer na Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá, um curso que tem como tema Cristiano Ronaldo. O objectivo da formação é analisar como se "constrói a lenda" e o que "representa o jogador para a diáspora portuguesa".
O responsável pelo curso, o professor de sociologia Luís Aguiar, emigrante português, natural de S. Miguel, esclarece que este se foca "na qualidades sociais e no humanismo do Ronaldo".
Luís Aguiar terá escolhido o futebolista português como tema da formação por considerar que a figura mediática do desportista permite explicar Portugal aos emigrantes de segunda geração, aos canadianos e aos estudantes de sociologia em geral. "[Cristiano Ronaldo] tem uma visibilidade enorme, é uma figura que não foi explorada sociologicamente", explica o docente, estimando que 80 por cento das pessoas saiba quem ele é.
Com três Bolas de Ouro de melhor jogador do mundo, mais de 100 milhões de fãs no Facebook, um museu, uma estátua e uma marca de vestuário, não surpreende que o interesse pelo mediático e carismático CR7 seja universal. Faltava-lhe o interesse do mundo académico. Mas esse também já se rendeu.

Fotos: DDiarte – Coleção Berardo. © Cortes de Cima

CORTES DE CIMA

O vinho português Cortes de Cima Branco 2013 foi considerado o melhor do mundo, em Paris.

Foi eleito no Vinalies Internationales 2015, um dos mais importantes concursos mundiais de vinhos, o melhor vinho branco do mundo: o alentejano Cortes de Cima 2013. O evento decorreu em Paris, de 27 de fevereiro a 3 de março, e a concurso estavam 3.500 vinhos oriundos de 40 países.
Além da vitória como melhor vinho branco seco do mundo, o Cortes de Cima 2013 foi ainda o vinho que obteve maior pontuação absoluta.
A vinha que produziu o branco vencedor situa-se junto a Vila Nova de Milfontes, no litoral alentejano, sendo composta por 40 hectares de castas brancas, influenciada pelo mar e pelas condições atmosféricas. O vinho é feito a partir das variedades Alvarinho e Sauvignon Blanc, loteadas com uvas Viognier, do interior da região.
O projeto Cortes de Cima iniciou-se em 1988 pelo casal Hans e Carrie Jorgensen (ele dinamarquês e ela americana), com vinho tinto produzido no interior alentejano. Nos últimos anos o desafio mudou-se para o litoral, com o Cortes de Cima Branco: uma aposta ganha.
Cada garrafa custa 11 euros nas garrafeiras nacionais.

DEAD COMBO EM HOLLYWOOD

Dupla portuguesa conta com dois temas na banda sonora do filme "Focus", com Will Smith.

'Lisboa mulata' e 'Rumbero' são os dois temas dos portugueses Dead Combo que fazem parte da banda sonora do filme "Focus", que estreou recentemente nas salas de cinema nacionais. O elenco do filme conta com Will Smith e Margot Robbie como protagonistas. A realização é de Glenn Ficarra e John Requa.
A música de Tó Trips e Pedro Gonçalves tem-lhes valido crescente reconhecimento como uma das bandas mais internacionais da nova cena musical portuguesa e a ligação da dupla ao cinema tem-se mantido sempre muito presente.
No final do ano, a banda vai subir ao palco do Coliseu dos Recreios, em Lisboa, a 4 de dezembro, e do Teatro Rivoli, no Porto, no dia 12.

SHARISH GIN:
o paciente alentejano

POR CARLOS DIQUERCIA

Se a vida te dá limões, cria um *gin*. Este podia ser o mote de António Cuco, o criador do Sharish Gin. Professor de Turismo em Évora, António viu-se desempregado em 2013 e o que começou com uma brincadeira entre amigos acabou por se tornar no maior caso de sucesso do panorama atual dos *gins* portugueses.
"Lentamente destilado no Alentejo", o Sharish é fresco, frutado, tem uma imagem que se destaca das sobrepopuladas prateleiras de *gin* dos bares e conta com um produto de Denominação de Origem Protegida português, a maçã Bravo de Esmolfe, para além de outros botânicos que remetem à infância do seu criador, como a lúcia-lima, com que a sua avó fazia chá. Um *gin* de autor, portanto. Foi lançada depois uma edição limitada com a Pêra Rocha como botânico-chave, mais zimbro que na versão original e um método de produção mais perto de um London Dry, que se reflete nas notas de prova dando-lhe um caráter mais seco.
A história podia ter ficado por aqui, não estivesse iminente o lançamento de cinco *vodkas*, de um novo *gin* no dia 24 de abril - o Sharish Blue Magic Gin, de cor azulada que muda para rosa ao acrescentar-se a tónica - e de ter sido lançado a 1 de abril uma outra edição especial do Sharish original, numa garrafa de 2 litros e com um botânico extra: o cardamomo.

Fotos: © Dead Combo, Carlos DiQuercia

INSOMNIO de Yime de Santigo

O pianista, compositor, orquestrador, cineasta e autor de banda desenhada Filipe Melo, de 37 anos, em Lisboa, em plena Avenida da Liberdade.

Foto: Joana Linda

Setenta e sete OFÍCIOS

Músico, realizador e autor de banda desenhada: Filipe Melo faz um pouco de tudo. E bem!

POR ANDRÉ VIDIGAL

Quem ainda não ouviu falar do pianista, realizador e autor de banda desenhada Filipe Melo tem estado certamente a dormir. E é precisamente isso que o autor de "Dog Mendonça e Pizzaboy" não tem feito ao longo do seu percurso. Na música, a linguagem que escolheu foi a do jazz, onde o improviso e criatividade são fundamentais. Aprendeu e partilhou o palco com nomes sonantes como Benny Golson, Peter Bernstein, Jesse Davis ou Seamus Blake, músicos que trouxe a Portugal e com quem tocou na companhia do guitarrista Bruno Santos. Filipe Melo é ainda compositor e orquestrador, e, por isso, não estranhamos vê-lo ao lado de Legendary Tigerman ou Manuel João Vieira e associado a projetos como "Deixem o Pimba em Paz" com Bruno Nogueira e Manuela Azevedo dos Clã.

Mas a inquietação persiste e Filipe Melo aventura-se no cinema e na BD, ficando a suspeita de que terá mesmo mau dormir. Nada que afecte o resultado das suas obras: a sua curta de terror "I'll see you in my dreams" foi distinguida com vários prémios, e a sua trilogia de banda desenhada "Dog Mendonça e Pizzaboy" ganhou o prémio de melhor argumento e de melhor álbum no festival AmadoraBD (sublinhe-se aqui, que foi Melo quem tirou o sono a meio Portugal ao promover a série de BD com um *trailer* de imagem real onde aranhas gigantes caminhavam sobre a Ponte 25 de Abril).

O que liga e é recorrente nas suas obras é a homenagem sentida às origens que evoca e com as quais dialoga, seja a tocar *standards* de jazz, a homenagear a série B ou a reinventar estórias de aventuras fantásticas dos anos 80. Dar de caras — e de olhos bem abertos — com alguém que, sempre que se propõe fazer algo, o faz de forma consistente, desconcertante e imaginativa é coisa rara. Filipe Melo é, pois, um caso sério de talento, daqueles capazes de nos tirar o sono. •

AGENDA

Tanto para fazer e tão pouco tempo! Deixamos aqui a sugestão de alguns dos eventos imperdíveis que estão a chegar.

POR RITA JARDIM

Foto: National Photo Company Collection – United States Library of Congress

DOCE PÁSSARO DA JUVENTUDE

TEATRO • 10 A 26 DE ABRIL

Os Artistas Unidos trazem à cena o "Doce Pássaro da Juventude", de Tennessee Williams, com encenação de Jorge Silva Melo.
"Uma actriz enfrenta o desastre de uma vida, longe dos doces anos da sua juventude. Um rapaz, *Chance Wayne*, de regresso à terra de onde partiu há anos à conquista do mundo. É Páscoa, mas não haverá ressurreição. Todos procuram voltar a um passado que imaginaram feliz. Enquanto decorre uma sórdida manobra política."

S. LUIZ TEATRO MUNICIPAL - LISBOA
WWW.ARTISTASUNIDOS.PT/PROGRAMACAO

A VIAGEM DO ELEFANTE

CONCERTO • 30 DE ABRIL

O Pequeno Auditório do CCB recebe o cantautor espanhol Luís Pastor, acompanhado pelos músicos do "A Cor da Língua" e convidados para um concerto que celebra as palavras de José Saramago. Esses textos serão acompanhados pelos sons do fado, da morna, da chula ou do flamenco, ganhando assim novas identidades. O concerto serve de apresentação ao CD/Livro editado no final de 2014 pela Associação Cultural e Recreativa de Tondela (ACERT) com o apoio da Fundação José Saramago. A "Viagem do Elefante" é uma adaptação do texto homónimo de José Saramago, numa produção do Trigo Limpo Teatro ACERT, em parceria com a Fundação José Saramago e a Flor de Jara.

PEQUENO AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM - LISBOA
WWW.CCB.PT

INDIELISBOA

FESTIVAL DE CINEMA INDEPENDENTE • 23 DE ABRIL A 2 DE MAIO

De 23 de abril a 3 de maio de 2015, o IndieLisboa volta a trazer à capital o melhor e mais recente cinema independente de todo o mundo. O festival quer continuar a ser um lugar de entusiasmadas descobertas de filmes, sem fronteiras de género, duração ou formato. Serão 11 dias em que o IndieLisboa marcará presença na Culturgest, no Cinema S. Jorge, na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema e, pela primeira vez, no Cinema Ideal. O festival exibirá perto de 250 filmes. A eles juntar-se-ão debates, conferências, ateliês, *masterclasses* e concertos.

VÁRIOS ESPAÇOS - LISBOA
WWW.INDIELISBOA.COM

FIMFA LX

FESTIVAL DE MARIONETAS E FORMAS ANIMADAS • 7 A 24 DE MAIO

É um projeto artístico renovador e aberto a novas tendências, de dimensão internacional, que pretende divulgar e promover uma área específica de expressão artística: o universo das formas animadas. O FIMFA Lx afirmou-se desde 2001 como um espaço de programação contemporânea, alternativa e inovadora que se desenrola a partir de critérios rigorosos de qualidade e reconhecido mérito artístico. Apresenta formas contemporâneas de teatro de marionetas para um público adulto, sem esquecer o seu contraponto com as mais tradicionais.

VÁRIOS ESPAÇOS - LISBOA
WWW.FIMFALX.BLOGSPOT.PT

A LONTRA FEST

FESTIVAL DE MÚSICA • 30 DE MAIO

O Festival A Lontra Fest pretende promover a música alternativa, com qualidade, que se faz em Portugal, cantada em português. Os artistas nacionais merecem destaque no mercado da música, mas o seu trabalho também é um fator preponderante e decisivo que pode levar um músico ao sucesso ou insucesso. Por isso, também promove diferentes atmosferas sonoras, sons urbanos e crus, letras irreverentes, elos de ligação pouco habituais a outras correntes artísticas, o cenário, a qualidade técnica do espetáculo, a cor, o espaço, o tempo e os tempos, nunca cortando os laços de ligação que os unem à História e aos grandes mestres.

RUÍNAS ROMANAS DE TRÓIA
WWW.FACEBOOK.COM/ALONTRAFEST

SERRALVES EM FESTA UM ENTRE MUITOS
30–31 MAI 2015
#MUSICA #PERFORMANCE #TEATRO #CINEMA #CONVERSAS #OFICINAS #EXPOSIÇÕES #VISITAS #INSTALAÇÃO #VÍDEO #FOTOGRAFIA #DANÇA CONTEMPORÂNEA #CIRCO CONTEMPORÂNEO
VIVA SERRALVES ANTES, DURANTE E DEPOIS DA FESTA!
Fique a par das atividades durante o ano inteiro, inscreva-se aqui na newsletter.

SERRALVES EM FESTA

FESTIVAL DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA • 30 E 31 DE MAIO

Com a presença de artistas nacionais e nomes oriundos de todo o mundo, o Serralves em Festa é o maior festival de expressão artística contemporânea em Portugal e um dos maiores da Europa, ponto de passagem obrigatório para dezenas de milhares de visitantes de todas as idades ao longo de 40 horas consecutivas.

Entre as 8h da manhã de sábado e a meia-noite de domingo, esta festa conta com centenas de eventos para públicos de todas as idades e gerações: música, dança, teatro, performance e circo contemporâneo, exposições no museu, cinema, vídeo, fotografia e inúmeros *workshops*.

FUNDAÇÃO DE SERRALVES - PORTO
WWW.SERRALVES.PT

NOS PRIMAVERA SOUND

FESTIVAL DE MÚSICA • 4 A 6 DE JUNHO

O NOS Primavera Sound é o homólogo português do festival que se realiza em Barcelona há 14 anos. O cartaz conta com uma ampla seleção de artistas internacionais, a par de uma significativa representação do panorama musical português. A linha artística distingue-se pela variedade de estilos e aposta em novas bandas. Depois do sucesso das anteriores edições, é paragem obrigatória no panorama dos festivais de música europeus. Alguns dos artistas deste ano: Patti Smith, Belle & Sebastian, Manel Cruz, Antony and the Johnsons, Mac deMarco, Damien Rice, Death Cab for Cutie.

PARQUE DA CIDADE - PORTO
WWW.OPTIMUSPRIMAVERASOUND.COM

TROPA FANDANGA

TEATRO • 13 E 14 DE JUNHO

É atribuída aos princípios do séc. XVIII e a atores italianos, descendentes dos *commici dell'arte*, a origem do teatro de revista. Apresentados nos teatros de feira de Paris, os primeiros espetáculos do género consistiam numa revisão burlesca e caricata de acontecimentos e figuras que se tinham destacado nos doze meses anteriores. A sua função era divertir e recordar, acompanhando a contemporaneidade de perto. É este o modelo que se acha importado em Portugal, a partir dos anos 50 do século XIX. Em tempos de paz, o Teatro Praga faz-se à história para desenterrar memórias que não domina, num espetáculo de guerra, a preto e branco, que procura o modo mais justo para tempos conturbados em que os passados e as geografias se misturam, unidos por uma batalha com uma só bala presa por uma guita.

TEATRO RIVOLI - PORTO
WWW.TEATROMUNICIPALDOPORTO.PT

KILIMANJARO

TEATRO • 18 A 28 DE JUNHO

Em "As Neves do Kilimanjaro", Hemingway imaginou o que teria sido a sua vida caso tivesse cedido à tentação de uma existência ociosa. *Harry*, um alter ego do autor, está à beira da morte em África, recorda episódios da sua vida e reflete sobre como desperdiçou o seu talento. O conto de Hemingway serve de centro a uma dramaturgia que imagina o percurso de *Harry* através de um conjunto de outros contos e cartas do escritor norte-americano. Vários são os locais percorridos na peça, numa busca existencial por um sentido que teima em escapar. Uma procura que lembra a do leopardo cuja carcaça foi encontrada no topo da mais alta montanha de África: aquele que Hemingway utilizou como epígrafe no conto que dá nome a este espetáculo. Continua por explicar o que o animal procurava a tal altitude.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II - LISBOA
WWW.TEATRO-DMARIA.PT

© Interpol © Filipe Ferreira © DR

FESTIVAL DE TEATRO DE ALMADA

FESTIVAL DE TEATRO • 4 A 18 DE JULHO

Este é o festival de teatro mais prestigiado do país e terá em 2015 a sua 32.ª edição. Apesar de ainda não haver cartaz confirmado, a qualidade das edições anteriores permite-nos assinalá-lo como um dos eventos incontornáveis do ano. São dezenas de espectáculos que sobem a palco mostrando o que de mais novo se faz no panorama nacional e internacional. Além dos espetáculos no palco, contempla exposições, debates e conferências. Em 2014 foi vez de homenagear Luís Miguel Cintra e de receber inúmeras peças contemporâneas do teatro argentino. Este ano a organização promete o mesmo nível de excelência e ecletismo.

VÁRIOS ESPAÇOS - ALMADA E LISBOA
WWW.CTALMADA.PT

NOS ALIVE

FESTIVAL DE MÚSICA • 9 A 11 DE JULHO

O festival mais premiado pelos consumidores nos últimos anos está de volta ao Passeio Marítimo de Algés com um cartaz a garantir o mesmo nível de adesão que tem tido - sempre esgotado! Com: Muse, Ben Harper and The Innocent Criminals, James Bay, Wombats, Metronomy, Jessie Ware, Flume, Young Fathers, Tiga (*Live*), Tne Walls (*Live*), Julio Bashmore, Breach, Benji B, Eclair Fifi, The Prodigy, Mumford & Sons, Sheppard, Marmozets, James Blake, Roísin Murphy, Future Islands, Kodaline, The Ting Tings, Bleachers, Cold Specks, Bear's Den, Disclosure, Sam Smith, Stromae, Azealia Banks, Counting Crows, The Jesus and Mary Chain, Chromeo, Flight Facilities, Sleaford Mods, Mogwai, Dead Combo. Este ano a organização oferece ainda mais um dia de campismo no recinto.

PASSEIO MARÍTIMO DE ALGÉS - LISBOA
WWW.NOSALIVE.COM

EDP COOL JAZZ

FESTIVAL DE MÚSICA • 19 A 31 DE JULHO

O EDP COOL JAZZ - Cool Energy é um festival que aposta na inovação e fusão de sonoridades, passando pelo Blues, Soul, Jazz, Funky e Disco. É um conceito original que provoca sensações e experiências únicas em espaços simbólicos onde o património histórico, aliado à natureza, marca a diferença nas noites quentes de Verão. Artistas confirmados: Caetano Veloso e Gilberto Gil, Lionel Richie, Melody Gardot e Chick Corea, Mark Knopfler e Herbie Hancock.

VÁRIOS ESPAÇOS - OEIRAS
WWW.EDPCOOLJAZZ.COM

BONS SONS

CEM SOLDOS
TOMAR

13–16 AGOSTO
2015

O FESTIVAL DE MÚSICA PORTUGUESA

VEM VIVER A ALDEIA

WWW.BONSSONS.COM

INTERCÉLTICO DE SENDIM

FESTIVAL DE MÚSICA CELTA • 30 DE JULHO A 1 DE AGOSTO

Na sua 16.ª edição, o Festival Intercéltico traz as atuações de: Andrés Peñabad, da Galiza; Cecina de Leon Folk, castelhanos/leoneses; Arrefole, do Porto; Seu, das Astúrias. O último dia é completado com um grande espectáculo da Brigada Victor Jara, que celebra 40 anos, e dos Rare Folk, da Andaluzia, uma referência deste género musical. Além dos concertos e da festa que nunca pára na Taberna dos Celtas, o festival oferece, como habitualmente, atuações de gaiteiros e danças mirandesas, bem como oficinas de gaita e animação constante das praças de Sendim.

VÁRIOS ESPAÇOS - MIRANDA DO DOURO
WWW.INTERCELTICOSENDIM.COM

ANDANÇAS

FESTIVAL DE MÚSICA E DANÇAS POPULARES • 3 A 9 DE AGOSTO

O Andanças promove a música e a dança popular enquanto meios privilegiados de aprendizagem e intercâmbio entre gerações, saberes e culturas. Com um olhar dos dias de hoje, propõe-se reavivar hábitos sociais de viver a música retomando a prática do baile popular através de múltiplas abordagens às danças de raiz tradicional, portuguesas e do mundo, com vista à recuperação das tradições musicais e coreográficas, fundindo-as com elementos contemporâneos. Aqui é possível aprender mais de meia centena de estilos de dança, desde as portuguesas, africanas, ao estilo americano até às diversas danças europeias: húngaras, balcânicas, bascas, ciganas, bálticas, belgas, do Poitou, italianas, galegas, catalãs, mediterrânicas. É o resultado das sinergias que se geram entre gente ávida de partilhar saberes.

BARRAGEM PÓVOA E MEADAS - CASTELO DE VIDE
WWW.ANDANCAS.NET

FESTIVAL FORTE

FESTIVAL DE MÚSICA ELETRÓNICA • 27 A 29 DE AGOSTO

A Soniculture, editora e produtora dedicada à gestão e divulgação de música eletrónica de vanguarda, aliadas às novas tendências internacionais da cultura contemporânea e em articulação com as artes visuais e performativas, dá continuidade ao projeto inovador que teve início em 2014. A próxima edição do Festival FORTE acontecerá de 27 a 29 de agosto, no Castelo de Montemor-o-Velho, património nacional e por muitos considerado o lugar génese da música de dança em Portugal. O festival pretende afirmar-se como uma referência mundial no panorama da música eletrónica, focando-se na qualidade e inovação. Tendo como base a experiência da primeira edição, as condições serão melhoradas no intuito de se alcançar a perfeição desejada, fazendo jus à beleza do monumento e à exigência do público.

CASTELO DE MONTEMOR-O-VELHO - MONTEMOR-O-VELHO
WWW.FESTIVALFORTE.COM

MOTELX

FESTIVAL DE CINEMA DE TERROR • 9 A 13 DE SETEMBRO

O MOTELx tem como objetivo estimular a produção de filmes de terror portugueses, mostrar as melhores obras de terror produzidas internacionalmente nos últimos anos e contribuir para a formação dos públicos mais jovens e para a contextualização da produção recente, através da programação de retrospetivas selecionadas. Com vista a concretizar estas metas, o MOTELx concentra em cinco dias a exibição de filmes recentes e clássicos de vários estilos e subgéneros, promove a vinda de convidados internacionais e dá primazia à promoção da única secção competitiva do festival: o Prémio MOTELx – Melhor Curta de Terror Portuguesa, que impulsiona todos os anos dezenas de participantes a produzir curtas-metragens de terror, visando a sua estreia no festival. MOTELx, onde o terror é bem-vindo.

CINEMA S. JORGE - LISBOA
WWW.MOTELX.ORG

ENCONTROS MÁGICOS

FESTIVAL DE ILUSIONISMO • 15 A 20 DE SETEMBRO

Em Portugal existe desde 1992 o mais antigo dos Festivais de Magia e voltará a acontecer em setembro em Coimbra. As ruas, várias instituições e o Teatro Académico Gil Vicente serão o palco mais de uma centena de espetáculos por alguns dos mais prestigiados ilusionistas da atualidade. A não perder!

VÁRIOS ESPAÇOS - COIMBRA
WWW.FACEBOOK.COM/ENCONTROSMAGICOS

QUEER LISBOA

FESTIVAL DE CINEMA QUEER • 18 A 26 DE SETEMBRO

O objetivo do festival é programar o que de mais relevante, em termos estéticos e narrativos, se faz no panorama mundial em cinema *gay*, lésbico, bissexual, transgénero e transsexual, promovendo o maior acesso do grande público a este tipo de cinema.

O Queer Lisboa aposta na vinda a Lisboa de um conjunto de individualidades ligadas ao Cinema Queer e incentiva o pensamento teórico à volta das suas temáticas e conceitos. Além da competição há sessões especiais e ciclos temáticos dedicados a um realizador, tema ou país, retrospetivas sobre representações da homossexualidade na história do cinema, secções dedicadas a subgéneros do Cinema Queer, bem como atividades paralelas de caráter mais pedagógico.

VÁRIOS ESPAÇOS - LISBOA
WWW.QUEERLISBOA.PT

para ler
opinião

CIENTOLOGIA: A SEITA EM DOCUMENTÁRIO

Baseado no **best-seller** *do mesmo nome, o documentário "Going Clear: Scientology and the Prision of Belief" desvenda alguns dos segredos da controversa religião.*

POR LUÍS SANTOS

Este abril foi finalmente exibido pelo canal de televisão norte-americano HBO o documentário sobre o livro "Going Clear: Scientology and the Prison of Belief", de Lawrence Wright.
Já todos ouvimos falar de Cientologia, e os mais curiosos têm centenas de horas de documentários para ver no *youtube* e milhares de páginas para ler sobre o assunto: trata-se de uma seita fundada por L. Ron Hubbard, um escritor de ficção científica (que detém o recorde do Guiness de livros publicados, com mais de mil títulos) que cobra pelo acesso a informação sagrada, por etapas como níveis de um videojogo e que usa como bandeiras do seu culto um par de rostos de Hollywood (Tom Cruise e John Travolta).
Hoje em dia, qualquer um acede à "informação sagrada" *online* e poupa sete anos e centenas de milhares de dólares para aprender que há 75 milhões de anos o ditador intergaláctico Xenu trouxe biliões de seres à Terra e os exterminou com bombas de hidrogénio...
Por esta razão, a Cientologia de hoje não consegue captar novos membros, e resta-lhe reter os 50.000 atuais, de uma de duas formas: (1) Como um qualquer cidadão norte-coreano, o membro comum só conhece a realidade que lhe foi ensinada; o contacto com uma pessoa supressiva (alguém com acesso ao mundo exterior) torna essa mesma pessoa supressiva – tal como o contágio que ocorre no "Ensaio Sobre a Cegueira"; (2) A religião conhece os podres dos membros e usa-os para retaliar desertores. Os rituais "religiosos" são as "audições" – sessões psicoterapêuticas com um detetor de mentiras.
Este livro é diferente, porque os vilões do passado (porta-vozes da Igreja) são os heróis do presente, a contar a história na primeira pessoa. O documentário supera o livro, porque acrescenta o timbre das vozes, as expressões faciais de vergonha... E lágrimas doridas que só vi em Pyongyang, porque sou demasiado novo para ter visto as lágrimas dos "Gaibéus" de Alves Redol.

MILAN KUNDERA
A Festa da Insignificância

Milan Kundera regressa 13 anos depois com "A Festa da Insignificância". O autor de "A Insustentável Leveza do Ser" volta para apresentar a insignificância como a essência da existência e expor os riscos da eloquência. Ou será o inverso? Curtíssimo, incomoda, e obriga a várias leituras. Sendo um dos livros mais esperados de 2014, é o epílogo perfeito de uma mão inconfundível.

LUCRÉCIO
Da Natureza das Coisas

"A Grande Mudança", sucesso literário em 2014, glorificou Bracolino Poggio, o caçador de livros que no séc. XIV relançou a Humanidade ao descobrir este poema de Lucrécio. Todo o Humanista sonha ler "Da Natureza das Coisas" na sua língua materna e a versão portuguesa chegou em 2015. Faz 2060 anos que a razão de Lucrécio matou todos os deuses, todos os temores e a si mesmo de seguida.

M. HOUELLEBECQ
Submissão

2015 despertou com os gritos de terror da redação do Charlie Hebdo. Publicação semi-conhecida tornou-se estandarte mundial da liberdade de expressão. Mas porquê o ataque? A 6 de janeiro, o jornal caricatura Michel Houellebecq e apelida o seu novo livro "Submissão" de "golpe de mestre". A mestria da ironia de Houellebecq mereceria o respeito de Sócrates, Hegel e Kierkegaard.

FESTIVAL BONS SONS

Na aldeia de Cem Soldos, em Tomar, celebra-se a diversidade e vitalidade da música portuguesa, num festival de características únicas.

POR JOÃO NUNO SILVA

Nos dias de hoje os festivais de música são quase uma praga que serve para divulgação de marcas, para tirar *selfies*, andar em filas intermináveis para receber um brinde, para comer ou para ir à casa de banho. Estes fenómenos de massas permitem de tudo um pouco, servindo até, para ouvir música.
No meio de tanta fartura, há exemplos de que não é isso que deve ficar na memória quando se vai a um festival. O melhor e, felizmente, não único caso em que a música tem a devida e merecida importância é o Bons Sons.
A aventura que começou em 2006 e, na sua 6.ª edição, inaugura a periodicidade anual. Este festival abraça o lema 'Vem Viver a Aldeia', que é cumprido à risca em Cem Soldos. Durante quatro dias, somos todos Cem Soldenses.
Aqui come-se, bebe-se, convive-se, sente-se, vê-se, dança-se e ouve-se tudo do melhor que existe na música portuguesa. São quatro ou cinco palcos perfeitamente integrados nos espaços da aldeia que, nestes dias, multiplica por bem mais de dez o número de habitantes. Sente-se no ar um ambiente que não é habitual para quem vem da cidade. Somos invadidos por pensamentos, quase utópicos, de como seria bom se a vida fosse sempre assim, sem pressas, céu azul e sorrisos por todo o lado.
Pode não ser o mais *trendy*, nem o que tem melhores brindes, mas é seguramente 'O Festival de Música Portuguesa', isso é inegável.
Não tenho muito mais que possa dizer para vos convencer a virem dos dias 13 a 16 de agosto até ao Bons Sons, posso apenas garantir que se vão sentir como nunca se sentiram!
Se o problema for o facto de não saberem quem vai tocar, adianto-vos já que alguns dos nomes confirmados são: Carlão, Long Way To Alaska, Éme, Trêsporcento, Tó Trips, Nice Weather for Ducks, Retimbrar, Criatura, Xaral Dixie, João Bernhan, Timespine, Oco, Benjamin, Salto e Eduardo Raon, cada um deles capaz de agradar mesmo a quem não conhece.

VITORINO VOADOR
O Dia em que Todos Acreditaram

João Gil disse "senti a necessidade de aproveitar a música que fazia quando não estava rodeado dos músicos com quem toco". E que bela música!
Por aqui aparecem cúmplices como o José de Castro, o David Santos, o baterista António Vasconcelos Dias e ainda o Ricardo Jacinto no violoncelo. Há ainda um coro de berros na Balada dos FDP que são dados pela Joana, pelo António VD e pelo Zé Guilherme VD.
Apesar de ser um disco a solo, é também fruto de um coletivo de pessoas que, antes de tudo, são amigas.

JOSÉ MEDEIROS
Aprendiz de Feiticeiro

São 17 bonitas canções, um DVD com alguns temas já clássicos e ainda uma visita guiada, pelo próprio Zeca, à sua carreira. Temos baladas, valsas, fados, sambas, chorinhos e marchas, a acompanhar a sua voz única que vai cantando poemas que falam de amor, de saudade, de amizade, de mar, de viagens, de momentos históricos, de heróis literários e também da nossa situação social e política atual.
Um excelente disco para ir desfrutando e descobrindo ao longo do tempo, porque há por aqui muito pouco de imediato.

BANDA DO MAR
Banda do Mar

Neste disco, da banda que junta três amigos, não há lugar a pretensiosismos pseudointelectuais. O que temos é boa música, simples e agradável que nos coloca numa espécie de verão eterno, como se passássemos a vida numa esplanada, a ver o mar, e rodeados de tudo e todos aqueles de quem gostamos e nos fazem sentir bem. O sotaque brasileiro dá sempre uma sensação de positivismo... É como se estivéssemos sempre apaixonados e a sorrir.
Embarquem com a Banda do Mar no seu maravilhoso mundo. Vale mesmo a pena!

FAST & FURIOUS

Os fãs de adrenalina podem celebrar: explosões, perseguições e emoções ao rubro voltaram com "Velocidade Furiosa 7". O sétimo filme da saga marca também a derradeira aparição de Paul Walker no grande ecrã.

POR SOFIA SANTOS

Foi em 2001, pela mão do realizador Rob Cohen, que foi apresentado ao Mundo aquela que se tornou uma das maiores e mais bem-sucedidas *franchises* do cinema: "The Fast and the Furious". Vin Diesel e Paul Walker passaram a figurar no universo dos heróis humanos do Cinema. Homens de barba rija, corajosos, justiceiros, fãs de carros customizados e de velocidade. Dos filmes que se seguiram nem todos contam com a voz rouca de Vin Diesel ou com os olhos azuis do falecido Walker. Também a realização foi mudando de *maestros*. Passados 14 anos, "Furious 7 / Velocidade Furiosa 7" chega agora aos cinemas. Realizado por James Wan conta com Vin Diesel, Paul Walker, Dwayne Johnson, Michelle Rodriguez, Jordana Brewster, Tyrese Gibson, Chris "Ludacris" Bridges, Djimon Hounsou, Kurt Russell e Jason Statham no elenco.

Depois de terem derrotado o terrorista internacional *Owen Shaw* (Luke Evans) em "Furious 6" (título nacional: "Velocidade Furiosa 6"), *Dominic Toretto* (Diesel) e a sua "equipa"/"família" julgavam que a vida de aventureiros destemidos tinha ficado no passado até ao momento em que Deckard Shaw (Jason Statham) decide procurar a vingança pela morte do irmão e tem o desejo de matar, um a um, todos o que estão do lado de Toretto. Para piorar a situação destes, um terrorista somali de nome *Jakande* (Djimon Hounsou) e um agente governamental de comportamento duvidoso, intitulado *Mr. Nobody* (Kurt Russell), lutam entre si para ter na sua posse um programa de computador chamado *"God's Eye"* que pode transformar qualquer aparelho tecnológico numa arma. Cabe a *Toretto, O'Conner, Ortiz, Hobbs, Pearce* e *Tej* parar a loucura vingativa de Shaw e recuperar o programa informático.

O sétimo filme da *franchise* promete ser sentimental, explosivo, repleto de perseguições, lutas e, é óbvio, velocidades furiosas.

Luke Hobbs (Dwayne "The Rock" Johnson) não está para brincadeiras em "Velocidade Furiosa 7".

tv

opinião

Quinta temporada IS COMING!

A série épica "Guerra dos Tronos" regressa em abril ao pequeno ecrã.

POR SOFIA SANTOS

Em 2011, o canal HBO começou a exibir a adaptação televisiva da série de livros de George R. R. Martin intitulada "As Crónicas de Gelo e Fogo". Criada por David Benioff e D. B. Weiss, depressa alcançou o estatuto de "série épica".
A receita é simples: várias casas dinásticas lutam pelo poder. Uns são bons, outros estão no meio-termo, outros são maus. Tudo é rodeado por fantasia, magia, mitologia, cenários e adereços pensados ao detalhe. Com um elenco competente balanceado pela frescura de atores estreantes e pela experiência de outros. Entre intrigas palacianas, diplomacia, alianças forjadas em interesses, guerras, casamentos, mortes e reencarnações, a "Guerra dos Tronos" chega em abril à sua quinta temporada. Baseada nos livros "O Festim dos Corvos" e "A Dança dos Dragões", foi filmada entre Espanha e Croácia e será composta por 10 episódios. Segundo a sinopse oficial, *Dorne* estará em destaque - consequência da morte do Príncipe *Oberyn Martell*. Nesta temporada, uma coisa será certa: alguém irá morrer!

online

opinião

REGRESSO AO PASSADO

Fomos revisitar os jogos clássicos do MS-DOS.

POR FILIPE MAGALHÃES

Num mundo em que cada vez mais vemos jogos *indie* com gráficos *pixelizados* inundarem as consolas da nova geração, retirando a sua inspiração dos clássicos de antigamente, muitos são os jogadores a recordarem com saudade os "bons velhos tempos". Foi com esse espírito em mente que o Internet Archive permitiu aos seus visitantes a possibilidade de jogar vários jogos MS-DOS lançados nos anos 80 e 90 gratuita e diretamente a partir do navegador de *internet*, sem qualquer *download*. Claro que, aos olhos modernos, títulos como "Castle Wolfenstein", "Metal Gear" ou "Prince of Persia" apresentam gráficos rudimentares e jogabilidade pouco acessível, mas, para quem presenciou a evolução dos videojogos nessas décadas, tratam-se de nomes com um lugar muito especial nas suas memórias.
O *site* encontra-se ainda numa fase *beta* pelo que são de esperar alguns problemas, sendo os mais notórios a ausência de qualquer opção para gravar o progresso nos jogos, e algum *lag*. Por agora, é esse o preço a pagar por uma autêntica lição de história para queimar umas horas quando o chefe não estiver a olhar.
Sejam bem-vindos ao passado!

archive.org/details/softwarelibrary_msdos_games

First Bounce.
WITH FLAVOUR

ARTE COMO FORMA DE INTERVENÇÃO

Conheça Vhils, o português que se tornou num dos rostos mais importantes da cultura graffiti *a nível mundial.*

POR JOANA CLARA

ALEXANDRE FARTO, *AKA* **VHILS**, É O *STREET ARTIST* PORTUGUÊS QUE, PELO SEU ESTILO ORIGINAL, TEM DADO QUE FALAR UM POUCO POR TODO O MUNDO.

Alexandre Farto. Este nome diz-lhe algo? À primeira audição pode até nem soar familiar, mas a verdade é que estamos a referir-nos a Vhils, o nome mais sonante da cultura *graffiti* em Portugal. Lisboa foi o seu berço em 1987 e é precisamente esta a cidade que é palco dos seus trabalhos mais impactantes.

Começou a andar de mãos dadas com a pintura aos onze anos de idade. Os muros das ruas e os comboios da margem sul do rio Tejo foram as suas primeiras telas, dando assim forma ao sonho de criar arte. Os anos passam e este criativo urbano continua a ser fiel aos seus ideais e ao seu espírito interventivo.

Em 2008, completou os estudos na Universidade de Artes, em Londres, no Reino Unido.

Vhils é um artista multifacetado e a vida parece pulsar dentro de si. Neste momento, percorre novos trilhos, em busca de mais desafios e projetos inspiradores. Áreas como a ilustração, a animação e o *design* gráfico já foram agitadas pelo seu jeito peculiar e intenso de trabalhar a partir do real e de objetos palpáveis. Os entendidos na matéria asseguram que este artista urbano mescla o estilo vetorial com o desenho à mão, removendo camadas às paredes que esculpe numa versão única de *graffiti* invertido. Há, pois, uma espécie de regresso às origens no seu trabalho, que não é mais do que vernacular e épico.

Foto: Vera Marmelo

AVENIDA INFANTE D. HENRIQUE
LISBOA
38°42′36.1″N
9°07′40.7″W

AVENIDA BRASÍLIA
LISBOA
38°42′05.9″N
9°10′33.2″W

FÁBRICA DO BRAÇO DE PRATA
LISBOA
38°44′36.8″N
9°06′02.8″W

RUA CASCAIS
LISBOA
38°42′13.1″N
9°10′28.6″W

TRAVESSA DAS MERCEEIRAS
LISBOA
38°42′36.8″N
9°07′52.1″W

FÁBRICA DO BRAÇO DE PRATA
LISBOA
38°44′36.8″N
9°06′02.8″W

Fotos: Ana Dias

Eusébio da Silva Ferreira, O ÚLTIMO REI DE PORTUGAL

Ainda está por decidir a data em que irá verificar-se a transladação dos restos mortais de Eusébio para o Panteão Nacional. Mas, independentemente disso, o atleta foi a maior personalidade do futebol português do século XX.

POR PEDRO BELEZA

Portugal foi um país de monarcas. Foram oito séculos de um regime com muitas histórias e, principalmente, com muitos reis emblemáticos. Quando D. Manuel II de Portugal foi deposto, em 1910, aquando da implantação da República, Portugal pensou ter visto o seu último rei. Estavam todos errados.

A 15 de dezembro de 1960, vindo de Lourenço Marques, atual Maputo, em Moçambique, Eusébio da Silva Ferreira aterrou em Lisboa e rapidamente transformou, para sempre, a forma de viver e sonhar o futebol num país irremediavelmente marcado pela ditadura salazarista. Apenas um ano depois, já de águia ao peito, Eusébio dava o primeiro grande passo rumo à imortalidade do seu nome, sendo preponderante na conquista da Taça dos Campeões Europeus pelo Benfica frente ao poderoso Real Madrid. Estava escrita a epígrafe da obra de um homem que, nascido num dos mais pobres bairros moçambicanos, primeiro se tornou ídolo, depois criador de sonhos e, finalmente, "King".

Foi exatamente assim, ao som de exclamações a gritar pelo "rei", que, a 6 de janeiro de 2014, Eusébio entrou, já sem vida, pela última vez, naquela que foi, indubitavelmente, a sua verdadeira casa: o Estádio da Luz. A emoção dos adeptos benfiquistas presentes nas bancadas da Luz era extensível ao exterior do estádio, onde, junto à estátua da maior figura do futebol português do século XX, estavam centenas de recordações afetas a variadíssimos clubes nacionais e internacionais. O elo de solidariedade vivido entre adeptos de todos os clubes nos dias após a morte de Eusébio revelou-nos o sentido de omnipresença que o atleta conquistara em vida. Diz-se: "a morte despe-nos dos nossos bens para nos vestir das nossas obras". A dimensão extraordinária da obra de vida do "pantera negra" foi, sem dúvida, ainda mais perceptível na hora da despedida.

Foi sem surpresa, então, que instantaneamente se comentou a hipótese de Eusébio ficar sepultado no Panteão Nacional. Desde o primeiro minuto, várias figuras da política, arte, televisão, cultura, desporto e demais esferas da sociedade portuguesa defenderam a transladação dos restos mortais de Eusébio para junto de ilustres como Almeida Garrett, Humberto Delgado ou Teófilo Braga. Como em qualquer debate, rapidamente surgiram opiniões contrárias que protegiam a dignidade dos ilustres cenotáfios aos heróis de Portugal.

Afasto-me daqueles que, sem grandes recursos intelectuais, utilizam as cores clubísticas como argumento principal que inviabiliza a transladação de Eusébio – esses, nem merecem resposta.

Aqueles, um pouco mais dotados cerebralmente, que consideram ser um ultraje uma figura do desporto figurar eternamente no "olimpo português" não têm, com certeza, noção do impacto e da importância do futebol enquanto movimento de massas num país como o nosso. Não gostar de futebol é algo que respeito e compreendo. O que não compreendo é a desonesta e contínua depreciação do desporto, em especial do futebol, por certo tipo de personalidades. Felizmente, essa realidade é cada vez mais uma minoria e a transladação de Eusébio da Silva Ferreira para o Panteão Nacional já teve a aprovação da Assembleia da República, mesmo que o Ministério Público só autorize a movimentação dos seus restos mortais depois de cumpridos três anos após o funeral.

Referir que Eusébio era um homem simples, humilde e generoso como motivo da sua ida para o Panteão é vácuo – é ser despejado de seriedade. Essas não são e, acredito, nunca serão faculdades essenciais para uma decisão tão marcante como esta. Falar da justiça da transladação de Eusébio é aclamar a carreira do desportista e exaltar a magnitude da sua influência e poder.

O "King" levou o futebol português e a Seleção Nacional ao expoente máximo e fez do Benfica um clube monstruoso. Numa época que grande parte do nós só pode imaginar, o "pantera negra" foi uma dádiva de esperança, de alegria e glorificação a quem combatia a censura e a opressão. No texto de projeto de resolução, que viria a ser aprovado pelos deputados de todos os grupos parlamentares, Eusébio foi referido como um "herói popular e um símbolo do país, que honra Portugal e orgulha os portugueses". Dois dias depois da morte de Eusébio, em Old Trafford, no teatro dos sonhos, os adeptos do Manchester United trocaram o habitual minuto de silêncio em honra de Eusébio por um coro de palmas, enquanto a bandeira portuguesa, a meia-haste, abanava harmoniosamente no topo do estádio. Foi assim um pouco por todo o lado: o mundo homenageou os feitos e a vida de um futebolista que se transcendeu.

Tenho a certeza absoluta de que Sophia de Mello Breyner ou Amália Rodrigues não sentirão vergonha quando receberem a seu lado o último rei de Portugal.

LISTA DAS COMPRAS

As coisas mais importantes da vida não são coisas.
Bem, isso é totalmente verdade, mas um pouco de futilidade materialista também nunca fez mal a ninguém!

POR GONÇALO PINTO JORGE

AEROMOBIL 3.0

O AeroMobil 3.0 ainda é um protótipo, mas promete revolucionar o modo como nos deSlocamos: transforma-se em segundos de automóvel em avião! Trata-se de um veículo voador que utiliza de modo engenhoso a infraestrutura criada tanto para automóveis como para aviões. Enquanto carro, pode-se estacionar em qualquer lugar de garagem, usa gasolina convencional e pode andar na estrada como qualquer outro automóvel. Enquanto aeronave, pode descolar e aterrar em qualquer aeroporto ou qualquer superfície pavimentada com algumas centenas de metros de comprimento.
WWW.AEROMOBIL.COM

FORD MUSTANG

Icónico, potente, dinâmico e com uma presença inigualável. O novo Ford Mustang é a personificação do desempenho aliado ao requinte e, pela primeira vez na história, vem finalmente para a Europa. Este *musclecar* está disponível nas versões de carroçaria *fastback* e *convertible*, com um motor *EcoBoost* de 2,3 litros ou um V8 de 5,0 litros. chegou a hora. Quer o Mustang dos seus sonhos? Agora já pode, desde 45.804 €.
WWW.FORD.PT

FERRARI 488 GTB

O novo desportivo a ostentar o símbolo do "Cavallino Rampante" inspira-se no 458 Italia e também presta homenagem ao histórico 308 GTB. Equipado com um motor V8 Turbo, o novo 488 GTB consegue cumprir a aceleração dos 0 aos 100 km/h em exatamente três segundos, demorando apenas 8,3 segundos para que o ponteiro ultrapasse os 200 km/h. A velocidade máxima é de 330 km/h. Ah, e não esqueçamos que o novo supercarro da mítica marca italiana é lindo de morrer!
WWW.LISBOA.FERRARIDEALERS.COM

HARLEY-DAVIDSON Xutos & Pontapés

Porque não celebrar os 35 anos de carreira dos míticos Xutos & Pontapés em estilo? Aquela que é a mais notória banda de *rock* portuguesa aliou-se à marca de motos Harley-Davidson na criação de uma edição especial da Harley XL Iron 883. No depósito lê-se a inscrição "Vida Malvada", por cima do logótipo da banda. A mota é um exclusivo do mercado português e está à venda por 10.790 €.
WWW.HARLEY-DAVIDSON.COM

AIRBOARD

A mais pequena aeronave tripulada do mundo está a chegar! Imagine um pequeno quadricóptero, isto é, um aparelho que SE descola impulsionado por quatro motores E É capaz de o transportar a si pelos céus. É totalmente elétrico e o controlo faz-se através da inclinação do corpo. E cabe no porta-bagagens do seu automóvel!
WWW.AIRBOARD.CO

SOMABAR

É primeiro aparelho automatizado de *bartending*, controlado por uma *app*, para ter em sua casa. O seu *design* simples e elegante esconde uma tecnologia robusta que lhe permite preparar os seus *cocktails* preferidos em menos de 5 segundos. Já se encontra em fase de pré-reserva *online*, por 429 US$.
WWW.SOMABARKICKSTARTER.COM

LEATHERMAN TREAD

É uma multiferramenta, uma espécie de canivete suíço, que pode ser usado no pulso. A pulseira é constituída por 11 elos de aço inox e inclui duas a três ferramentas cada, permitindo-lhe utilizar um total de 25 funções como chaves de fendas ou estrela.
WWW.LEATHERMAN.COM

MONTBLANC JOHN F. KENNEDY

Para homenagear o homem que nasceu para se tornar um líder mundial, a Montblanc criou a edição especial John F. Kennedy. As referências subtis à vida deste estadista na caneta são várias: a resina azul refere-se aos tempos passados na Marinha Americana; os três anéis platinados simbolizam os seus três irmãos; o aparo em ouro encontra-se gravado com uma imagem do módulo que aterrou na lua em 1969.
Um instrumento belíssimo.
WWW.MONTBLANC.COM

CROSLEY CR6019A-BK

Desenhado para refletir o estilo de ontem, o Executive USB Portable Turntable facilmente lê o seu vinil favorito e o converte em ficheiros digitais. É tão simples como ligar o cabo USB, pôr o disco a tocar, e observar enquanto o aparelho cria os ficheiros digitais no seu computador. O dispositivo faz o interface com a porta USB de qualquer computador usando o *software* fornecido – é muito simples!
WWW.CROSLEYRADIO.COM

OM/ONE

A primeira coluna *bluetooth* do mundo... que levita! Num mundo em que quase todos os sistemas de som são muito parecidos surge o OM/ONE. Concebido por uma equipa de topo de *designers* industriais e engenheiros de som, este dispositivo promete ser tão funcional como belo. Parece magia! O OM/ONE estará disponível a partir de junho, desde 199 US$.
WWW.OMONE.COM

EQUIL SMART PEN 2

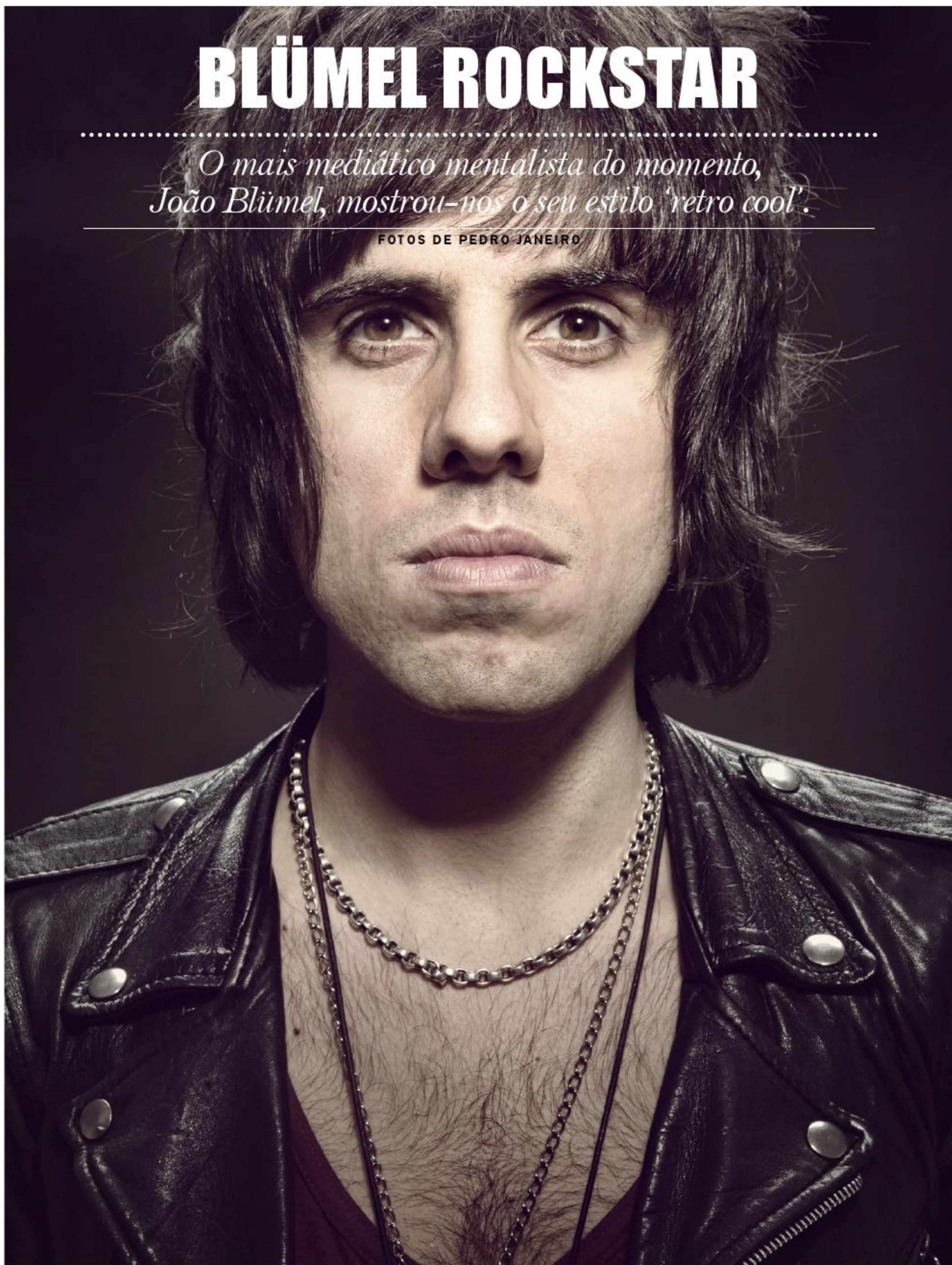
Esta caneta permite-lhe escrever, fazer diagramas ou desenhar em qualquer tipo de papel, tal como uma esferográfica normal e, ao mesmo tempo, aquilo que escreveu é, de forma automática, gravado e sincronizado com o seu dispositivo Android, iOS, Mac OS ou Windows. A *smart pen* funciona com as *apps* grátis Equil Note e Equil Sketch, e integra também o seu trabalho com serviços *cloud* como o Dropbox.
WWW.MYEQUIL.COM

ROLEX OYSTER PERPETUAL YACHT-MASTER

Na edição deste ano da exposição de joalharia e relojoaria Baselworld, a Rolex anunciou uma adição desportiva à sua linha Yacht-Master, desenhada com ergonomia e durabilidade em mente: Trata-se de um modelo com caixa em ouro Everose de 18 quilates sobre a nova bracelete "Oysterflex" - uma lâmina de metal superelástico envolta num elastómero negro de alta performance. O novo Yacht-Master Oyster Perpetual está disponível em dois tamanhos: 40 mm e 37 mm. Cada um deles com um diferente calibre automático - 3135 para a versão de 40 mm e calibre 2236 para o modelo mais pequeno. Um soberbo relógio.
WWW.ROLEX.COM

BLÜMEL ROCKSTAR

O mais mediático mentalista do momento, João Blümel, mostrou-nos o seu estilo 'retro cool'.

FOTOS DE PEDRO JANEIRO

VIKTORIA LIPATOVA

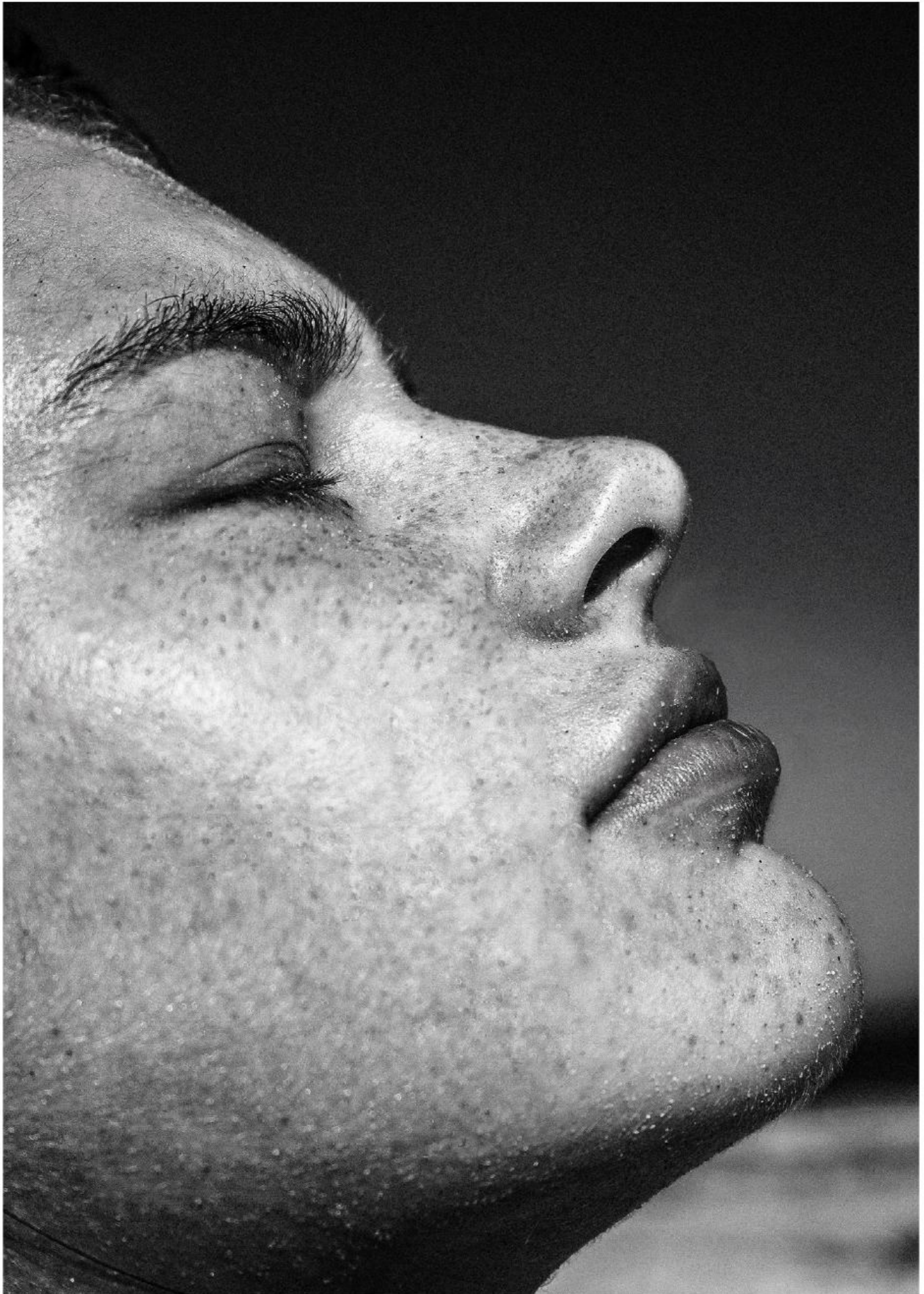
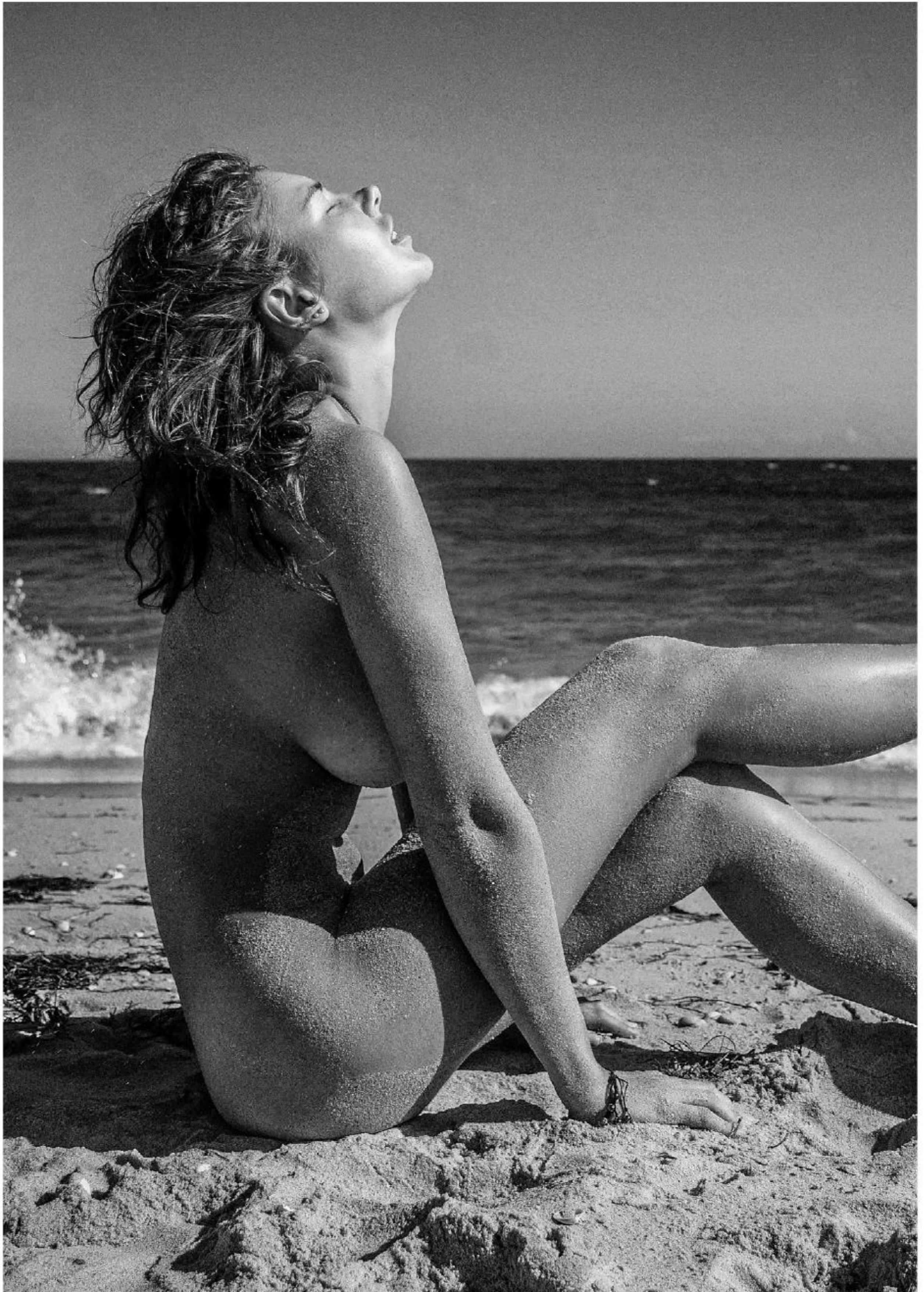
POR ORLANDO GONÇALVES

Entre carros restaurados e outros que ainda aguardam intervenção, António Teixeira Lopes tem uma coleção com cerca de 20 clássicos.

Foto: Ana Dias

Recalcamentos de infância sobre QUATRO RODAS

Apontado como uma referência do setor automóvel em Portugal, António Teixeira Lopes tem uma coleção de carros clássicos que nasceu de um acaso e que agora encara como um método terapêutico de regresso aos tempos mais modestos da sua juventude. Fica apreensivo quando se decide a passear essas máquinas, pelo risco de destruir num acidente peças eventualmente irrecuperáveis, mas o que o irrita verdadeiramente é a atual falta de ética na recuperação de veículos antigos.

POR ALEXANDRA COUTO

António Teixeira Lopes é hoje o presidente da Associação Nacional do Ramo Automóvel (ARAN) e representa milhares de empresários do setor, mas, da primeira vez que conduziu um carro, bateu com ele na parede da garagem. Corria então o ano de 1959 e a colisão terá sido, contudo, um bom augúrio, porque o sinistrado contava apenas 10 anos e revelava-se assim um precoce apreciador das máquinas que também mudaram o mundo. Nesse dia passara das duas rodas da Mobilet do avô para o volante proibido de um Vauxhall de seis cilindros e da troca retirava duas lições úteis e duradouras: que num carro de três velocidades a mudança que se engata para trás é a que o impulsiona para a frente e que a qualidade da carroçaria ajuda sempre à segurança de condutor e veículo. "Aquele metal era duro como tudo e, apesar da pancada, o carro ficou igualzinho ao que era", recorda. "O meu avô nunca chegou a perceber que lhe mexi".

É com estas primeiras memórias que Teixeira Lopes desvenda o percurso que o afirmou não apenas como estratega do setor automóvel e mecânico particularmente qualificado, mas como também colecionador de veículos antigos e investigador na área da respetiva recuperação. Hoje é proprietário de cerca de 20 clássicos – não sabe apontar um número exato porque às vezes se esquece daqueles que há anos aguardam por conserto em oficinas que os relegam para segundo e terceiro plano – e, se o primeiro desses veículos chegou à sua posse por um acaso, os seguintes vêm constituindo uma forma de terapia pessoal auto-imposta.

"Quando [o meu primo] me deu um catálogo do Karmann Ghia, fiquei com o bichinho"

Tudo começou quando era ainda criança, por influência conjunta do avô, de um polícia de trânsito e de um primo. Ao primeiro coube a tarefa iniciática de despertar a curiosidade do pequeno António para os encantos da mobilidade viária, através da moto que, sempre que possível, esse desviava para alguns passeios por Aveiro. Já quanto ao segundo instigador, entrou em cena quando a Mobilet avariou e o rapaz recorreu ao amigo da família que, sendo polícia e conhecedor de mecânica, o ensinou a reparar a motoreta. Finalmente, surge na história o primo Edgar com a sua oficina de reparação. "Foi lá que eu fui ganhando o gosto por isto e, como ele era vendedor de automóveis, quando me deu um catálogo do Volkswagen Karmann Ghia fiquei com o bichinho para toda a vida", explica Teixeira Lopes.
Entretanto, a sua tentação pelos carros já se insinuara: começou por culpa do Vauxhall; afirmou-se com um Austin A30; reforçou-se com um Fiat 600. "Foi nesse carro que, aos 11 ou 12 anos, eu comecei a fazer ligação direta ", lembra o habilidoso. "Dava umas voltas com ele e o meu avô virava-se para mim a dizer: 'Tu andas-me com o carro, que eu sei! O que eu não percebo é como é que tu pegas nele, se eu tenho sempre as chaves comigo!'".
Seguem-se os test drives no NSU Prinz 4 com que o miúdo percorria as estradas de terra da Pateira de Fermentelos, antes de passar pela rampa dos barcos para que a água da lagoa removesse a lama instalada sob o carro, e, entre ferramentas e revistas da especialidade, cresce o jovem António e a sua desenvoltura: aos 13 anos já tem autorização da mãe para circular no NSU paterno; aos 15 chantageia a cúmplice exigindo voltinhas adicionais de cada vez que ela se enreda nas manobras e precisa que ele lhe tire o carro da garagem; aos 18 sujeita-se aos exames da carta de condução como um mero pró-forma no sentido da legalidade. É então que ingressa no curso de Engenharia Mecânica do Instituto Superior Técnico de Lisboa e se depara com a origem do seu impulso de colecionador: "Andavam lá a estudar muitos VIP com grandes carros, eu punha-me a olhar para eles e também queria ter máquinas assim. É por isso que eu digo que os carros que tenho hoje são recalcamentos de infância. Há pessoas que têm clássicos com muito valor; eu não – os meus são todos carros que eu gostava de ter tido na minha juventude e não podia".

Juras cumpridas

A motivação colecionista do presidente da ARAN manteve-se, contudo, adormecida por muitos anos. A sua prioridade foi sempre a carreira profissional e é precisamente por isso que essa evidencia uma evolução a pulso: Teixeira Lopes trabalhava num stand da Ford já enquanto estudante universitário, depois interrompeu o curso para ingressar no serviço militar e após o 25 de Abril trocou a farda de tenente pelas vendas num concessionário Renault. Nos anos 80 a sede portuguesa da marca viu-o entrar em funções como inspetor e sair da empresa como diretor-adjunto; nos anos 90 a Mitsubishi Motors acolheu-o como diretor e deixava-o abandonar a casa como diretor-geral. "Foi nessa altura que jurei a mim mesmo que não voltava a trabalhar por conta de ninguém", revela. "Percebi que era melhor pedir a reforma antecipada, mas estava eu a pensar estabelecer-me por conta própria quando, em 2002, o mercado automóvel cai".
O convite para dirigir a ARAN surgiu nessa altura e Teixeira Lopes encarou-o como uma oportunidade para se manter ativo sem perder uma posição destacada no setor automóvel. "Esperava que, ao fim de um ou dois anos, o mercado se restabelecesse e eu pudesse avançar com o meu projeto, mas, antes pelo contrário, o setor continuou sempre a cair", lamenta. A experiência leva-o a prever, aliás, que, mesmo em caso de retoma económica, a indústria automóvel seja uma das últimas a recuperar. "Quando há uma crise nos Estados Unidos e na Europa, o carro é o bem de consumo mais afetado diretamente", argumenta. "Se as pessoas têm dinheiro, querem logo comprar uma máquina por uma questão de ostentação; se deixam de ter capital, em primeiro lugar está sempre a casa, os filhos, a alimentação e a educação, pelo que, mesmo quando o país recupera, o setor automóvel demora anos a reavivar-se".

Do fundo de um lago para a Portucalense

A formação em Engenharia Mecânica ficou entretanto pelo caminho, mas só ao nível académico. É um facto que, na sua juventude, o presidente da ARAN chegou a considerar uma transferência para o britânico Chelsea College, que se mantém ainda hoje como uma referência internacional no domínio da engenharia de automóveis e aviões. A verdade, no entanto, é que, uma vez concluído o serviço militar, Teixeira Lopes viu os seus planos alterados pelo casamento e pela gravidez apressada da esposa. Terminou efetivamente a sua licenciatura, mas só quando já tinha mais de 40 anos e a vida lhe proporcionara outros talentos profissionais. "Já não fazia sentido tirar Engenharia porque a minha carreira acabou ▸

Fotos: Ana Dias. Teixeira Lopes - Arquivo Pessoal

Embora menos ativo na atualidade, Teixeira Lopes continua a participar nos ralis da regularidade e, nessas provas, gosta de correr num Scirocco GTi.

Este NSU TTS é o grande orgulho do presidente da ARAN. Obrigou-o a comprar e desmantelar quatro modelos iguais, até reunir peças suficientes para o reconstruir.

por me envolver mais na Gestão", desvenda. "Além disso, na parte técnica não tinha mais nada a aprender para lá do que a Renault me ensinou. Naquela altura eu devia ser, aliás, a pessoa com mais formação técnica automóvel em Portugal, porque nos anos 90 a Renault foi realmente uma grande escola. Deu-me muita formação, cá e no estrangeiro".
A tendência para o autodidatismo permaneceu e, à medida que colecionava carros, Teixeira Lopes acumulava também novos interesses. Como piloto de ralis e navegador, experimentou a vocação máxima das máquinas; como proprietário de relíquias, empenhou-se em preservar-lhes o simbolismo. Esse esforço foi particularmente evidente nos veículos que adquiriu na década de 90 em avançado estado de deterioração, porque, sendo a internet um recurso então ainda muito incipiente, localizar peças originais para o conserto dessas viaturas revelou-se uma tarefa árdua. "O carro que mais gozo me deu recuperar foi o NSU TTS, exatamente por causa disso", justifica. "Em 1992 ou 93, quando andei à volta dele, vi-me atrapalhado para arranjar as peças e acabei por ter que comprar quatro NSU para ter todos os componentes de que precisava para recuperar um. E sem internet, era tudo uma questão de contactos, de conhecimentos pessoais, de pesquisa nas revistas".
Quando o avanço tecnológico passou a facilitar essa missão, por sua vez, o presidente da ARAN deparou-se com a tendência crescente para a recuperação de clássicos com recurso a peças adulteradas e ao desvirtuamento das respetivas especificações técnicas originais. "Os carros antigos tornaram-se quase uma moda e é por isso que há muita gente a recuperar clássicos sem critério nenhum", alerta. "Todos têm a mania que percebem muito de automóveis, de futebol e de mulheres, e depois não faltam por aí treinadores de bancada que fazem um serviço amador para apresentarem carros muito bonitos, mas totalmente adulterados – dizendo que estão em estado de concurso quando isso é uma completa mentira".

"Há muita gente a recuperar clássicos sem critério nenhum"

A mais recente incursão académica de Teixeira Lopes nasceu dessa revolta, aliada ao interesse científico que lhe despertou em 2009 o resgate de um Bugatti Brescia de 1925 que estivera submerso durante 72 anos no lago Maggiore, em Itália. "Fiz o Mestrado em Restauro de Património Automóvel na Universidade Portucalense, com especialização em tintas das três primeiras décadas do século XX", informa o colecionador. "Para isso corri museus e muitos salões de automóvel por quase toda a Europa e o que vi foi escandaloso: carros dos anos 60 com couro moderno, tintas de água brilhantes que não têm nada a ver com as nitrocelulósicas de antigamente, pessoas a fazerem reconstrução sem cumprirem as especificações da data de fabrico do carro". Em suma, "pura falta de ética" e, no caso específico das tintas de água, "um autêntico crime", considerando que, embora atualmente proibidas devido ao seu caráter poluente, as colorações mais antigas podem ser aplicadas em veículos clássicos mediante autorização expressa do Ministério do Ambiente.

Coleção tardia devido à prioridade familiar

O primeiro carro que Teixeira Lopes adquiriu para seu uso quotidiano foi um Saab 96 com matrícula DB-73-53 que hoje se arrepende de ter vendido quando o trocou por um novo modelo. Quanto ao seu primeiro item de coleção, chegou-lhe às mãos em 1991 sem que o tivesse previsto: "Era um Jaguar XJ6 4.2, que serviu de pagamento por um cheque que me passaram sem cobertura".
Incentivado pela sua primeira aquisição, o presidente da ARAN comprou depois o NSU TTS em mau estado que se orgulha de ter recuperado sem o apoio da internet e a esse seguiram-se outros quatro modelos da marca entretanto adquirida pela Audi: um NSU 1000, um NSU TT 1100 e dois NSU TT 1200. Todos foram

Fotos: Ana Dias

Teixeira Lopes já tem pouca vontade de "sujar as mãos", mas ainda assegura a manutenção mecânica dos seus carros e já tem três em lista de espera para novo restauro.

reconstruídos, mas, mais uma vez, o TTS mantém-se especial. "Não devem existir meia dúzia deles no país todo", diz o colecionador, que assume a sua "maluquice" pelas réplicas do antigo automóvel do pai. "Valerá agora uns 30.000 euros, mas nenhum dos meus carros é para vender. O dinheiro que vai para o banco eu não sei por onde anda; já os meus carros sei que estão todos aqui na garagem ou então numa oficina, a jeito de eu lhes pegar quando quiser".

Esse desinteresse pelo potencial lucrativo dos seus restauros não invalida a cuidadosa engenharia financeira que Teixeira Lopes soube criar ao longo da sua vida. "Pago sempre as minhas contribuições todas ao Estado, prezo-me de não dever nada a ninguém e nunca faltou nada à minha família", proclama. "Sempre tive muito cuidado com as minhas contas e podia ter começado a coleção mais cedo, mas tinha três filhos e não me podia dar ao luxo de gastar dinheiro". A coleção acabou assim por crescer sobretudo nas duas últimas décadas, quando passou a integrar: um Austin Cooper S; um BMW 2002 Tii; três Fiat 127, um dos quais Abarth; três Ford, no que se incluem dois Cortina GT e um Anglia; e quatro Volskwagen, entre os quais os Golf MK1, MK2 e Variant, e ainda um carocha Type 1 dourado. Para participar em ralis da regularidade o colecionador reserva depois um Volkswagen Scirocco GTi dos anos 80 e, quando a ARAN lhe permite um fim-de-semana vago, o que só acontece 16 vezes por ano, é ele próprio a assegurar a manutenção mecânica dessas máquinas, embora já com "pouca paciência para sujar as mãos".

O carro que falta a Teixeira Lopes é o Saab 96 Monte Carlo que se lhe escapou em Inglaterra, há cerca de dois anos. "Talvez me falte um Saab Sonett também e um dos últimos Porsche 356, de 1975", equaciona. "Mas quero-os sempre com matrícula portuguesa, porque comprá-los lá fora depois implica o Imposto Único de Circulação para Usados Importados e eu não estou para pagar mais impostos".

"Quero os carros sempre com matrícula portuguesa – não estou para pagar mais impostos"

Carros e cartões de crédito

O passo lógico para um colecionador que garante não querer vender nenhum dos seus clássicos será encontrar um local que permita a exposição dessas máquinas. "Não faz sentido nenhum alguém se desfazer de um carro que lhe custou tanto dinheiro a arranjar", defende Teixeira Lopes. "O ideal, agora, era ter um espaço em que os automóveis pudessem estar expostos e onde houvesse alguém que tratasse deles todos os dias, para o proprietário poder chegar lá a qualquer altura e pegar no carro para dar uma volta, sem correr o risco de não ter bateria. Porque o problema é esse: eu não tenho tempo para usar os carros tantas vezes quantas devia e isso é uma dor de cabeça porque, sem uso, há coisas que se estragam".

Mesmo quando o presidente da ARAN encontra uma folga para levar os clássicos a passear, a angústia não desaparece. "Conduzir um carro antigo é pior do que conduzir um novo, que tenha acabado de sair do stand", explica. "Se alguém nos estraga um novo, ficamos zangados, ok, mas temos sempre a possibilidade de o mandar arranjar; se nos batem num de coleção, podemos nunca mais conseguir peças para o conserto. Quando penso nisso... Deixo-me ficar em casa".

Teixeira Lopes reconhece que há quem negligencie essas considerações por recorrer ao automóvel como objeto de sedução, mas, também nesse caso, volta a jogar pelo seguro e recomenda estratégias de menor risco. "Utilizar um carro para arranjar uma mulher é o mesmo que consegui-la através do cartão de crédito", analisa. "Para um homem assim, mais vale ir diretamente a certos estabelecimentos do que andar a enganar-se a si próprio". •

Fotos: Ana Dias

DRUMOND ART

ILUSTRAÇÕES DE RICARDO DRUMOND • TEXTO DE JOANA CLARA

DRUMOND
2015

RICARDO DRUMOND

Quando as aguarelas encontram uma tela ou um papel em branco, a magia acontece. Nasce assim uma narrativa que encontra aconchego nas vielas do corpo e na antecâmara da alma. Há um encantamento que floresce e o espírito voa mais alto simplesmente por existir.

Ricardo Drumond, 30 anos, é ilustrador e pintor. A banda desenhada é a sua verdadeira musa inspiradora, tendo conquistado o trono do seu coração durante a meninice. "Desde pequeno adoro a sensação de abrir e começar a ler um bom livro de banda desenhada pela primeira vez", partilha.

O Porto é a sua cidade natal e viu nascer o seu amor imenso pela arte: "Sinto a necessidade de me expressar diariamente através dela. É a partir dela que vejo, interpreto e compreendo a realidade e, subsequentemente, o mundo. Para mim, é uma necessidade básica como comer ou beber e tenho a sorte de poder ter como profissão o que desde pequeno faço com prazer. O desenho é a ferramenta com que me expresso melhor".

O seu percurso já passou por caminhos distintos, mas todos vão dar à sua abordagem única do mundo. "A minha formação académica não está intimamente ligada com o que faço agora, mas, de certa forma, está relacionada. Formei-me em Arquitetura e esta abriu-me bastante os horizontes; certamente, fortaleceu a minha capacidade de observar e compreender o que se passa à minha volta", confessa.

As suas aguarelas já deram vida às páginas da NBA nas redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram e site oficial), depois de um convite que surgiu por e-mail. As suas ilustrações, que caracteriza como "tradicionais", recriaram antigas glórias e as novas promessas da liga norte-americana de basquetebol.

No bolso, Ricardo Drumond traz uma miríade de sonhos. "Quero continuar a desenhar e a pintar até que as mãos me doam.

Dentro desta performance, quero continuar a trabalhar para bons clientes e fazer banda desenhada. Muita!"

ULTRAMARATONISTAS: de antigos loucos a heróis modernos

No espaço de poucos anos, o running *tornou-se uma constante na vida de milhares de portugueses. De praticantes que se deixavam intimidar pelos olhares críticos a que a rua os expunha, os maratonistas nacionais evoluíram para atletas descomplexados, convictos e orgulhosos. Carlos Sá e João Paulo Meixedo integram o grupo dos que continuaram a elevar a fasquia para além dos 42,195 quilómetros e hoje incluem-se no universo dos ultramaratonistas, que, mais ou menos anónimos, passaram a trajar à civil em casa e no trabalho para, nessa pista que ainda é a rua, se exibirem agora em roupa de heróis. Fazem parte de uma elite que se supera em cada prova – porque haveriam de ter inibições?*

POR ALEXANDRA COUTO

Foto: Ana Dias

"Hoje em dia toda a gente corre". Seja em tom de desdém, inveja ou admiração, a frase tornou-se comum e os números oficiais de uma das provas com mais antiguidade no país demonstram o crescimento registado entre os adeptos da corrida: em 2013 foram 2755 os participantes que cortaram a meta da 11.ª Maratona do Porto e um ano depois a competição já foi concluída por 4042 atletas. Quase todos esses *runners* se iniciaram na modalidade procurando apenas melhorar a sua condição física, mas a maioria evoluiu depois para treinos regulares e provas de média distância, após o que a maratona se impôs como a inevitável meta seguinte, nos seus 42,195 quilómetros de extensão. Uma vez superado também esse desafio, contudo, que ambição resta a quem tem pés ávidos por mais? Só a "ultramaratona" – e, embora sendo verdade que bastará acrescentar um metro à distância oficial da prova-rainha do atletismo para que essa adquira o prefixo "ultra" e ascenda à categoria competitiva superior, também é um facto que aqueles que se lançam em semelhante aventura estabelecem para si próprios uma fasquia muito mais alta. É o caso de João Paulo Meixedo: já correu 70 quilómetros consecutivos no Ultra Trail Serra da Freita, mas ainda quer fazer distâncias maiores. Enquanto isso, diz-se "um aprendiz de feiticeiro", um atleta "da III Divisão". Corre por gozo, só "porque sim". A modéstia vem-lhe de saber que há quem dispute "um campeonato muito diferente" do seu e aquele que aponta como "o verdadeiro 'Cristiano Ronaldo'" entre os ultramaratonistas portugueses é Carlos Sá, que, no cenário de referência do Death Valley norte-americano, correu 217 quilómetros sob temperaturas superiores a 50 graus centígrados. Ambos os atletas são devotos da modalidade, mas, desportivamente, revelam origens e motivações diferentes. João Paulo Meixedo tem 48 anos, é engenheiro de minas, leciona no Instituto Superior de Engenharia do Porto e faz dessa a sua principal atividade. Só se iniciou na corrida aos 30 anos, em substituição do futebol, e confessa: "Eu detestava correr. Algum dia imaginei que ia fazer a maratona de Boston ou estar envolvido na organização de provas?". Já Carlos Sá tornou-se praticante federado de atletismo aos 13 anos, pela mesma altura também começou a trabalhar como operário da indústria têxtil e aos 18 acabou por desistir da modalidade, sobretudo por influência daquela que recorda como "a idade da parvalheira". Aos 25 anos estava casado e, após 36 meses de matrimónio, deu por si "totalmente obeso, com 96 quilos de peso e dois maços de tabaco por dia". Decidiu então dedicar-se ao alpinismo, ao montanhismo e ao BTT, retomando a corrida com convicção suficiente para logo aos 36 anos concluir a sua primeira ultramaratona. Carlos Lopes e Rosa Mota ficaram para trás como fonte da sua inspiração; hoje, aos 41 anos, é ele próprio o ídolo de muitos.

"Eu detestava correr. Algum dia imaginei fazer a maratona de Boston?"

Método e vontade

Se na vida de João Paulo Meixedo a mudança proporcionada pelo *running* foi sobretudo espiritual, na de Carlos Sá a transformação mais evidente operou-se ao nível profissional. A corrida está presente no quotidiano de ambos e é sempre encarada como "um prazer", mas o primeiro subordina a prática da modalidade às exigências da sua vida familiar e laboral, enquanto o segundo passou a gerir todo o seu quotidiano em função do respetivo calendário de provas.

No caso do engenheiro, duas a três vezes por semana esse já sai de casa equipado, para às 07h30 deixar o filho na escola e depois correr 90 minutos antes de entrar ao serviço na faculdade. Deixou de ir à farmácia mais próxima para poder treinar uns seis quilómetros até à seguinte, vai em calções levar o automóvel à revisão para poder regressar em passo corrido e, quando o irmão o convida a almoçar em Miramar, sai de casa antes da esposa para correr os 17 quilómetros entre as duas moradas, enquanto ela faz o percurso em automóvel. Uma vez chegado ao seu destino, recupera o sentido prático: toma de empréstimo o chuveiro do irmão e só depois se senta à mesa com a família. Ginásios não frequenta e, para treinar a sua resistência em subidas, prefere correr as ruelas inclinadas que se lhe apresentam ao caminho nas perpendiculares da marginal entre a Ribeira e a Foz. Modas de vestuário também não segue. "Nunca escolhi umas sapatilhas pela estética", garante. "O que interessa é que há três tipos de passada e a minha é de pronador, ou seja, tenho pé com tendência a tombar para dentro. Não sei qual o código das sapatilhas para supinadores ou neutros, mas as minhas têm que ter uma risca cinzenta na lateral das solas e isso basta-me". Também devia mudar de calçado a cada 600 ou 700 quilómetros, antes de esse perder capacidade de amortecimento, mas a realidade é que não cumpre tal recomendação e, mesmo no que se refere às sapatilhas que lhe vêm sendo oferecidas por patrocinadores desde que começou a organizar em Vale de Cambra a ultramaratona "24 horas a correr – 24 horas Portugal", cada par rende-lhe sempre "uns 1500 quilómetros, que o dinheiro custa a ganhar, venha ele de onde vier". O truque que lhe permite essa rentabilidade e pezinhos invejáveis "sem unhas negras nem bolhas" talvez seja o uso de sapatilhas dois números acima do seu tamanho, para se sentir "à vontade" em cada passada. Afinal, há valores mais altos que o da competição e o conforto podológico será apenas um deles. "Como os meus pais têm casa no Minho, no fim-de-semana do Grande Trail Serra D'Arga eles deixam-na por minha

Carlos Sá começou por ser praticante de atletismo, mas depois perdeu-se na "parvalheira" da juventude e acabou por fazer-se operário têxtil. Só correu a sua primeira ultramaratona aos 36 anos e agora, aos 41, é a maior referência nacional da modalidade.

conta e, com seis ou sete amigos, há lá sempre uma grande comezaina, com arroz de pato, costeletinhas, etc.", revela. "Claro que depois não corremos os quilómetros todos da prova, mas já fizemos uma grande festa e, essa, ninguém nos tira".

Carlos Sá, por sua vez, treina uma a duas vezes por dia, dependendo da prova para a qual se está a preparar, e faz em paralelo algum ciclismo de estrada, para evitar esforços excessivos nas articulações. Também prescinde do ginásio, ignora modas de vestuário desportivo e dispensa rituais ou superstições antes da competição. "Só faço por chegar à linha de partida sempre muito descontraído e pronto para me divertir ao máximo", afirma. No entanto, mesmo quando não está a competir nem a treinar, é a corrida que continua a preencher-lhe os dias: gere uma empresa de eventos desportivos, realiza palestras motivacionais, faz consultadoria na conceção de novos produtos *outdoor* e organiza as provas Grande Trail Serra d'Arga, Maratona do Gerês e Peneda Gerês Trail Adventure. "Nunca pensei que algum dia fosse viver assim. Nunca imaginei isto quando era criança e também não o imaginava há 10 anos atrás", admite. "A vida vai-se construindo dia a dia e por isso é que não vale a pena perdermos muito tempo a fazer grandes planos e projetos, porque nunca sabemos as voltas que isto leva". Liberto da antiga rotina da indústria têxtil, o ultramaratonista passa agora 30% do ano fora do país, em provas e iniciativas internacionais. Sente o peso da responsabilidade: "Há três ou quatro anos olhava-se para os atletas e pensava-se que só era bom quem já nasceu com físico para correr. Eu acabei por mostrar que, com as bases certas e se os órgãos do nosso corpo tiverem sido preparados para isso quando se estavam a desenvolver, a qualquer altura da vida podemos retomar a corrida e ser campeões".

"A qualquer altura da vida podemos retomar a corrida e ser campeões"

Factos e "disparates" que influem no turismo

O que é que mudou então na sociedade portuguesa para justificar esta febre de *running* e uma maior abertura desportiva? Carlos Sá recorda provas cujas primeiras edições se limitaram a cerca de 100 pessoas – "eu conhecia-as todas", assegura – e que agora superam rapidamente os 2000 participantes logo na fase de inscrição. Lembra também que, há pouco mais de uma década, as competições de atletismo se realizavam sobretudo em festas de homenagem aos santos populares, enquanto atualmente é raro o fim-de-semana sem provas no calendário nacional da modalidade. Dos tempos em

Foto: Ana Dias

João Paulo Meixedo já correu 70 quilómetros consecutivos no Ultra Trail Serra da Freita e 64 em auto-suficiência na ilha de S. Jorge, nos Açores. Mas no Trail Serra D'Arga, onde se cruza regularmente com Carlos Sá, a prioridade é a almoçarada da praxe com os amigos e só depois vem a corrida.

que "só corria a maratona quem fosse um superatleta ou um louco" passou-se assim a uma época em que "correr é moda, em que há uma cultura da atividade física e em que toda a gente quer bater os seus próprios tempos pessoais". Os bons exemplos também ajudaram. "Sempre que algum atleta se destacou em qualquer modalidade, isso provocou um *boom* no número de praticantes. Havendo referências, as pessoas seguem-nas".
João Paulo Meixedo concorda que a moda veio para ficar, mas realça que Portugal ainda evidencia muitos anos de atraso em relação à prática internacional. "A Maratona de Boston é uma coisa única, nunca vista, que tem gente a assistir e a aplaudir desde o primeiro metro até à linha da meta. Há bandas a tocar na rua, fazem-se piqueniques ao longo do percurso, oferece-se cerveja e comida às pessoas", exemplifica. "Cá, em comparação, ainda há muito pouca gente a assistir às maratonas de Lisboa e Porto, que são as mais regulares. Mas, também, pudera! Estamos a falar das duas grandes provas do país e ambas se realizam quase na mesma altura, uma a seguir à outra. É mesmo à tuga!".
Criticável será também que o número de participantes nessas corridas venha evoluindo a um ritmo mais rápido do que se esperaria natural. Se a adesão à Maratona do Porto registou um crescimento superior a 45% entre 2013 e 2014, quererá isso dizer que, no espaço de um ano, foi proporcional o aumento da população efetivamente apta a correr 42,195 quilómetros consecutivos? João Paulo Meixedo rejeita essa hipótese. "O que há é muita gente com excesso de excitação", argumenta. "Eu demorei oito anos a fazer a minha primeira maratona e agora há por aí pessoas que, ao fim de seis meses, já vão correr uma. É um disparate. Não têm noção do que estão a fazer ao próprio corpo e, daqui a dois ou três anos, vão descobrir lesões que nunca pensaram ter. Ou ninguém lhes disse ou não quiseram ouvir, mas as distâncias e o esforço têm que ser progressivos".

"Este tipo de prova é visto cada vez mais como uma oportunidade para fazer turismo"

O que poderá ter sucesso imediato é a envolvência proporcionada aos atletas pela paisagem da prova em que participam. Para Carlos Sá não é por acaso que, na Maratona do Gerês, apelidada como "a mais dura do mundo pelas suas subidas e descidas brutais, o que mais conta é a dificuldade e a beleza do percurso". Isso explica, por um lado, que a competição tenha recebido cerca de 1000 *runners* logo na sua estreia em 2014; por outro, que 70% dos inscritos na edição de 2015 do *trail* Peneda-Gerês tenham nacionalidade estrangeira, representando países como Singapura, Estados Unidos, Canadá e Brasil. "Ainda estamos muito longe dos níveis de participação das maratonas norte-americanas ou nórdicas, mas temos a vantagem de possuir cenários e cidades lindíssimos", nota o ultramaratonista. "E como este tipo de prova é visto cada vez mais como uma oportunidade para fazer turismo, a corrida é um fenómeno que só pode crescer".

Diferentes sistemas de medição

Distâncias, recordes temporais, latitudes do terreno, massa muscular – todos esses critérios são mensuráveis. O que é difícil apreender com objetividade é o ganho espiritual que cada maratonista retira das suas corridas.

Fotos: J.P. Meixedo - Arquivo Pessoal, Ana Dias

O professor do ISEP diz-se mais sereno nos dias que começa com um treino. Nos outros, a corrida faz-se das oportunidades: tanto é um meio de chegar à farmácia como um formato de viagem até casa do irmão, para os almoços de fim-de-semana, a 17 quilómetros de distância.

"É como se fizéssemos todos parte da mesma tribo, para partilhar da mesma paixão"

Para João Paulo Meixedo, o *running* tornou-se um elemento da sua vitalidade: "Os dias que começam com um treino são sempre dias diferentes, em que olho tudo com mais calma e ponderação, em que só algo muito sério ou grave me impedirá de ultrapassar com leveza eventuais contrariedades. Organizo-me, pessoal e profissionalmente, enquanto corro. Os momentos de corrida dispõem-me bem fisicamente; por vezes são os únicos em que não tenho um teto por cima da cabeça".
As maratonas também o tornaram mais tolerante, apurando-lhe até o sentido de humor. "Se alguém me pergunta em que lugar fiquei numa prova, é sinal de que não percebe mesmo nada de corridas", alerta. "Antes eu respondia sempre que fui o primeiro da minha rua e passava adiante com a conversa. Agora nem isso posso dizer – na rua onde eu moro já há mais três maratonistas".
O engenheiro também se libertou de complexos e pudores. "Quando comecei a correr havia gente que nos via a treinar na rua e mandava umas bocas tipo 'vai mazé trabalhar, malandro!' ou 'se não tens o que fazer, anda cá que eu arranjo-te uma enxada'", recorda. Procurou evitar esses piropos correndo apenas junto ao mar ou no Parque da Cidade, mas, agora que "as mentalidades mudaram", assume: "Perdi a vergonha. Hoje corro em qualquer lugar, a qualquer hora, e, como tenho sempre uma mochila com equipamento guardada na mala do carro, num instante me ponho em cuecas na rua para mudar de roupa como se nada fosse".
Já Carlos Sá encara a corrida sobretudo como uma necessidade de auto-superação. Trata-se de "testar resistências, fazer melhor, conseguir sempre mais". Tem ainda a vantagem de permitir um estilo de vida que propicia a constante descoberta de novos lugares e novas pessoas. "É como se fizéssemos todos parte da mesma tribo e estivéssemos a conviver para partilhar da mesma paixão", descreve. "Isso muda completamente a nossa vida, a forma de vivermos a nossa saúde, a maneira de vermos as coisas".
A influência dessa sensibilidade no comportamento desportivo dos atletas dependerá, por sua vez, do contexto da prova, no que a paisagem de montanha lidera como a mais solidária. "Se num *trail* vemos um colega parado, ficamos preocupados e perguntamos-lhe se está bem ou precisa de alguma coisa", explica João Paulo Meixedo. "Já numa prova de estrada...". O ultramaratonista hesita, ri-se e acaba por completar: "Numa prova de estrada, se vejo alguém parado é menos um que tenho para ultrapassar".
Carlos Sá não chegou a abordar essa matéria. Mas o seu colega de tribo suspendeu as piadas e, em tom sério, contou a história que se impunha, realçando que, apesar de desvalorizada na imprensa portuguesa, ela mereceu destaque em Espanha, onde motivou até homenagens oficiais: "Na ultramaratona de Mont Blanc, nos Alpes franceses, o Carlos Sá estava em vias de ser o terceiro classificado quando encontrou outro participante parado numa berma, em hipotermia. Enquanto parou para o ajudar, passou por eles outro atleta, que continuou a correr. Esse é que ficou com a medalha de bronze, porque ▸

Fotos: Ana Dias

o Carlos Sá continuou com o indivíduo que estava mal, acompanhou-o até ao ponto de apoio seguinte e só depois é que retomou a corrida. Ficou em 4.º lugar. Prescindiu do pódio para ajudar um colega".

Ignorar o corpo, forçar-lhe os limites

Nem todos alcançam, portanto, as metas que se propõem, seja por imprevistos de percurso, incapacidade física ou fragilidade psíquica. Se em 42,195 quilómetros um atleta tem demasiadas horas e minutos com que se ocupar, qualquer distância para além dessa é uma prova humana, individual, que ele se vê obrigado a disputar consigo mesmo. Nessa batalha, o truque de João Paulo Meixedo é evitar pensar no seu próprio corpo. "Nas corridas de montanha conversa-se mais, ou porque vamos com amigos e estamos sempre a falar, ou porque nos cruzamos várias vezes com alguém que tem o mesmo ritmo que nós e se cria ali uma relação de companheirismo", revela. "As provas de estrada é que já são mais monótonas e custam a passar, mas, seja num caso ou no outro, tento sempre desviar o pensamento do que me dói e é proibido falar de lesões".

Nas corridas em auto-suficiência, em que a organização não disponibiliza qualquer tipo de apoio ao longo do trajeto e os participantes transportam consigo os mantimentos e recursos necessários até à meta, o desafio torna-se literalmente mais pesado. "Há *trails* em que levo às costas uma mochila com uma manta térmica, um corta-vento, uma lanterna frontal para usar na cabeça, pilhas extra, um ou dois litros de água, um telemóvel, um bastão e, ultimamente, também um apito, para não me acontecer como ao João Marinho, que ficou perdido nos picos da Europa", contabiliza. Foi com esse tipo de bagagem, aliás, que o engenheiro fez a travessia solitária da ilha de S. Jorge, nos Açores, onde nove horas de passadas pesadas lhe proporcionaram 64 quilómetros de dever cumprido. "E muita satisfação".

Em contrapartida, poucas sensações batem o desapontamento de uma corrida incompleta e Carlos Sá provou desse amargo ainda em janeiro deste ano, durante a 135.ª edição da Arrowhead Race, que, na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, é conhecida como a prova mais fria do mundo. "Como a organização só dá o tiro de partida e a linha de chegada, nós temos que fazer a corrida toda a puxar um trenó com 18 a 20 quilos de logística: tenda, roupa, comida, água – tudo arrastado por cabos que levamos presos ao corpo", conta o atleta. "O meu objetivo era preparar-me para a travessia que vou fazer da Gronelândia, mas a certa altura dei por mim completamente exausto e desgastado. Estavam 30 graus negativos e o meu corpo já não conseguia produzir calor. Deixei de sentir os pés e não conseguia perceber bem se era porque eles estavam dormentes pelo frio ou se já tinham chegado àquele ponto em que começam a queimar". Entre a angústia de saber que teria de sujeitar-se novamente a essas condições drásticas para dar por concretizada a experiência e a certeza de que se encontrava no limite das suas capacidades, o ultramaratonista fez as contas: tinha percorrido 185 quilómetros e estava apenas a 32 de concluir a prova, mas era tempo de parar. Parou.

"Se eu passasse 30% da corrida a pensar no quilómetro 217, ia colapsar e desistir"

Ao correr pelo deserto mais seco dos Estados Unidos, onde pensara que iria ceder muito antes de cortar a meta, é que Carlos Sá teve a sua melhor surpresa. O desafio que tinha pela frente era a Ultramaratona de Badwater, que muitos consideram a mais difícil do universo *runner*. A paisagem distendia-se à sua frente num percurso de 217 quilómetros, as temperaturas chegavam aos 54 graus, o asfalto sob os seus pés emitia ondas de vapor que se soltavam do solo como miragens, criando efeitos de ondulação no horizonte alaranjado. Superada metade da prova, a cada 300 metros o atleta quis desistir e a cada 300 metros foi reanimado. "Eu estava muito bem preparado física e psicologicamente, mas o que me ajudou mesmo foi a equipa de cinco pessoas que esteve lá a apoiar-me, a incentivar-me a continuar, a atirar-me água gelada para eu arrefecer", diz o maratonista. "Quando me passava pela cabeça desistir, lembrava-me que eles tinham perdido uma semana de férias para estar ali comigo e pensava que tinha que fazer tudo o que fosse preciso para que isso valesse a pena". Carlos Sá começara a prova 86 metros abaixo do nível do mar, foi ouvindo os sinais de alerta do seu corpo e iludiu-os com jogos mentais que evitassem a contabilidade das distâncias. "Se eu passasse 30% da corrida a pensar no quilómetro 217, ia colapsar e desistir", analisa. "O segredo foi dividi-la em várias metas, pensar num quilómetro de cada vez, apontar para o sítio x ou y, fazer pequenas provas dentro da grande". Continuou a correr em direção aos 2548 metros de altitude, foi-se alimentando em andamento para repor o consumo de 600 calorias por hora, manteve-se grato pela água fria que lhe garantiu a lucidez mental. Convenceu-se de que a cada passo estava mais perto de completar a prova e insistiu. Percebeu que era possível concretizar o sonho e teimou. E quando o cronómetro marcava 24 horas, 38 minutos e 16 segundos de esforço, cortou finalmente a meta, sem ninguém à sua frente e com todos atrás de si. Foi nesse momento que se tornou o primeiro português a vencer a mais mítica das ultramaratonas. Foi nesse instante que mudou a sua vida. •

Carlos Sá terá motivos para sorrir toda a vida, ao pensar nos 217 quilómetros da maratona de Badwater, no deserto norte-americano do Death Valley. A temperatura chegou a atingir 54 graus. Só as sapatilhas podiam tocar o asfalto.

KRISTINA MYHLAYLLIVNA

POR PEDRO JANEIRO

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA: BRUNO RODRIGUES;
STYLING: DIANA CONCEIÇÃO;
MAKE-UP E CABELO: TERESA LOPES.

ick!
DE JOANA AFONSO

ICK!

ICK!

ick!
FIM

YANA PROTASOVA

A jovem ucraniana que explora a singularidade da arte: ilustradora, tatuadora, designer de moda e, claro está, modelo!

FOTOGRAFIAS DE ANA DIAS • TEXTO DE JOANA CLARA

Pode até ter ficado conhecida como uma das ex-concorrentes do *reality show* da TVI "Casa dos Segredos", mas a ucraniana Yana Protasova Leonidovna, de 24 anos, é muito mais do que isso. Mulher dos sete ofícios, esta jovem sempre sonhou trabalhar na área das artes. Desenha, faz tatuagens e produções de moda, cria objetos personalizados. No fundo, ela quer deixar a sua marca no mundo.

A sua vida mais parece um filme e muitos foram os caminhos percorridos até aqui. Quando tinha oito anos de idade, frequentou uma escola de artes privada no país que a viu nascer e aos 12 anos completou esta fase de desenvolvimento artístico e pessoal. No seu olhar moravam mundos inteiros e nascia em si a necessidade de pincelar a vida com uma paleta de tons inspiradores. "A minha vida dá sempre imensas voltas, por isso posso dizer que ela está cheia de momentos marcantes", partilha. Vive em Portugal desde os 14 anos, mas, entretanto, mudou-se para Espanha, para estudar artes plásticas no Instituto Reino Aftasi. "Desenhar é o que mais gosto de fazer desde criança". Finalizado o bacharelato em Espanha, inscreveu-se no curso de Design de Moda, em Castelo Branco. No entanto, esta escolha não preencheu os seus propósitos e a sensação de insatisfação começava a apoderar-se de si. "Não era o que realmente gostava, mas sempre tive alguma curiosidade pelo mundo da moda", confessa. Em 2011, participou numa exposição coletiva na Universidade da Extremadura. Acabou por concluir a licenciatura nesta vertente, mas as saídas profissionais teimavam em não aparecer.

O amor eterno pelas tatuagens veio aliviar essa inconstância e dar-lhe um novo fôlego, um motivo para sonhar com novas conquistas e para fazer arte. "Comecei a tatuar; sempre gostei de ver corpos tatuados e é também uma área que tem muito a ver com a arte", sublinha a artista. Yana criou o seu próprio estúdio de tattoos e, atualmente, faz retratos e tatuagens como *freelancer*. No coração, traz uma imensidão de sonhos ainda por realizar. "Um dia quero abrir o meu próprio *atelier*, onde posso juntar tudo e fazer o que gosto. Quero fazer tatuagens, pinturas e vender peças de roupa com estampagens feitas por mim. Quero fazer o que gosto! E ganhar dinheiro para viajar, claro. Sempre gostei de conhecer pessoas novas, países... Talvez seja essa a razão que me leva a mudar sempre de local de habitação".

Há algo de especial e de mágico nas ilustrações de Yana. Talvez seja a forma como os seus traços projetam um ideal de Belo e de sublime; quem sabe se não se trata apenas de uma maneira de dar corpo, alma e coração às mulheres que se vêem sem chão. Suavidade, desejo, feminilidade, exotismo, exuberância. São apenas algumas das palavras que podemos associar ao portefólio artístico desta criadora *freelancer*. Nas suas ilustrações de moda, as peças de vestuário brilham por si só e deixam espaço para a imaginação de quem aprecia o seu trabalho.

Posar nua para a Playboy foi um ponto de viragem na sua carreira. A fotógrafa Ana Dias conseguiu olhar para dentro de Yana e vesti-la de emoções. Enalteceu o corpo desta jovem ucraniana, evidenciando também a sua beleza, a sua segurança e a sua aura etérea. "As fotografias que fiz para a Playboy são uma recordação. Gosto de ver o corpo feminino. Para mim, tal como para muitas pessoas, o corpo da mulher

é dos detalhes mais bonitos que existem e aprecio bastante trabalhos deste género. A Ana Dias é uma das melhores fotógrafas que existem. Ela consegue captar tão bem a beleza do corpo nu das mulheres e a sensualidade de cada uma. Desde a primeira sessão que fiz com ela, senti-me sempre à vontade. Primeiro, porque é uma mulher; segundo, ela coloca-nos muito à vontade. Antes da edição da Playboy da Sérvia que fiz com ela, nunca tinha posado nua e não tinha a certeza se me ia sentir bem, mas assim que a conheci, senti-me imediatamente à vontade e acabou por correr lindamente". Nas fotografias de Ana Dias, há aproximações da objetiva aos lábios, aos seios, às pernas, ao pescoço, à curvatura das costas... A modelo ucraniana parece sentir-se solta, livre, sem amarras ou pudores. As partes fragmentadas do seu corpo nu podem, em parte, representá-lo no seu todo, despido de preconceitos. Resta apenas uma inocência, uma pureza e uma vivacidade apenas alcançadas quando não existem roupas ou acessórios a perturbar a contemplação.

Na verdade, podemos dizer que Yana vive e sente-se realizada com o seu corpo e faz questão de realçar que dispensa artifícios. Vive bem consigo mesma e é essa confiança que deixa transparecer no olhar e, sobretudo, nos seus retratos, repletos de ambiência, erotismo, sensualidade, transparência e encantamento. " O que eu sei é que sou natural! Quer dizer, nunca quis colocar silicone, algo que muitas mulheres fazem hoje em dia. Acho que temos que nos sentir bem connosco próprias, independentemente do corpo que temos, porque somos todas diferentes e bonitas à nossa maneira. Se temos confiança em nós próprias é meio caminho andado. Penso que falta auto-estima a algumas mulheres e daí advêm as operações plásticas... Se gostamos de nós próprias, os outros também gostam. Chama-se amor-próprio. Ninguém é perfeito, mas cada mulher é linda como é", remata. •

Любовь

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA: GONÇALO JORGE, MAKE-UP E CABELO: ANA DUARTE.

Vanda Carolina e Hélio Marques são consultores de imagem em Coimbra e defendem que a segurança retirada de um *look* cuidado é um "Estado de Alma".

QUEM DISSE que as aparências iludem?

Se já foi vista como um serviço de luxo, a consultoria de imagem tornou-se hoje uma opção estratégica para profissionais que reconhecem que um look cuidado não é apenas um fator de charme e sedução, mas também um reflexo de estatuto social e competência. Calças com virola na bainha e sapato sem meia? Um roupão de seda estampada a usar como casaco? Os homens portugueses correm poucos riscos e o preconceito persiste, mas as empresas do setor estão a crescer e fidelizam clientes. Haverá audácia masculina para as acompanhar?

POR ALEXANDRA COUTO

Foto: Ana Dias

> “Os homens portugueses são mais convencionais, menos permeáveis à moda”

Já Oscar Wilde dizia: “It is only shallow people who do not judge by appearances”. A formulação não é de leitura imediata, mas, ao afirmar que “só os fúteis não julgam pela aparência”, o escritor atestava a beleza estética como um valor em si mesmo, autónomo da moralidade – que, por essa época, em pleno século XIX, era então o bem maior. Dois séculos depois, há hoje adeptos para todas as categorias da moral e dos bons costumes, mas a estética, embora já incontornável nas artes plásticas e noutros domínios da criatividade, ainda se vem esforçando por conquistar um lugar próprio enquanto requisito pessoal do quotidiano. Se nas mulheres uma imagem cuidada é unanimemente bem-vinda, nos homens uma aparência igualmente empenhada é ainda acolhida com certa desconfiança. “Um homem assim bem vestido? Só pode ser gay!”, dizem algumas senhoras ao vê-los passar, pensam alguns senhores ao sentirem a ameaça de concorrência.

Para o restrito grupo de pessoas que encaram a sua esmerada aparência pessoal como uma qualidade que, não lhes sendo inata, é merecedora de esforço, tempo e investimento, há, contudo, um crescente número de empresas a operar em Portugal, seja em formato autónomo ou em parceria com centros comerciais como os das cadeias Dolce Vita e El Corte Inglès. Todos esses profissionais atuam no ramo da Consultoria de Imagem e eventualmente prestam até serviços de Media Training, quando o cliente tem também que adaptar a sua postura e discurso às exigências da exposição pública, mas, no essencial, a atividade que exercem obedece sempre a um lema tão óbvio que se tornou uma máxima universal, já desobrigada de referência ao autor: “There's no second chance to make a first impression”. Não há uma segunda oportunidade para uma primeira boa impressão.

Dora Dias é consultora de imagem na Blossom, gere em Lisboa uma carteira de clientes com diferentes perfis profissionais, inclusive de Angola e do Brasil, e reconhece: “Em Portugal ainda há muito preconceito ao ver-se um homem bem vestido. Pensa-se logo que ele é homossexual ou então modelo, e isso é porque os portugueses são mais convencionais, menos permeáveis à moda. Em Itália ou em França, os homens seguem as tendências e gostam de se vestir bem, mesmo sendo claramente heterossexuais; cá, nota-se mais audácia nos profissionais da área das artes, da publicidade e do *design*, mas, à exceção desses, os portugueses são muito tradicionais. E isto não tem nada a ver com orientação sexual: é só porque têm medo de arriscar”.

Hélio Marques, cofundador da consultora “Estado de Alma”, defende que essa resistência à moda resulta do conceito “ainda muito enraizado” de que, para demonstrarem virilidade, “os homens têm que ser feios, porcos e maus”. O consultor de Coimbra garante que essa ideia préconcebida “ainda não caiu por terra”, mas admite que a sociedade portuguesa vem evidenciando desde o início da década de 2010 uma certa evolução ao nível da sensibilidade para com o trato da imagem, apesar de a procura nacional por esse tipo de assessoria continuar “com anos de atraso” em relação à prática de outros países. “É verdade que a conjuntura nacional também não ajuda à disseminação destes serviços”, observa o *fashionista*. Apesar disso, é precisamente a classe média que, pelo menos em Coimbra, mais investe na contratação dos seus préstimos, solicitando tanto o seu olho clínico como a expertise da sua sócia Vanda Carolino. “Como a classe alta já tem por hábito ir fazer compras às grandes urbes do Porto e Lisboa, aqueles que se ficam pela cidade são os que mais procuram a nossa ajuda para renovarem o guarda-roupa com recurso às lojas locais”, explica.

Aprender a editar a informação

Para Dora Dias, esse aumento da procura por parte do cidadão ‘comum’ poderá dever-se ao facto de a consultoria de imagem “ter deixado de ser encarada como um serviço de luxo”. Afinal, tanto no caso da Blossom como no da Estado de Alma, a clientela faz-se sobretudo de mulheres e, independentemente de género, as motivações repetem-se. “Há a pessoa que quer aconselhamento para um evento específico em que vai participar, há aquela que está numa fase da sua vida em que precisa de transformar o seu visual e aumentar a auto-estima, e há aquela que pretende obter um look mais adequado às suas funções profissionais, não tanto por imposição da entidade patronal, mas sobretudo porque ela própria quer projetar uma imagem de maior segurança e competência”, explica Hélio Marques.

Na Blossom apresentam-se também aqueles que desejam apenas “reorganizar o guarda-roupa ou dar-lhe novas utilizações”, o que Dora Dias faz com a satisfação de saber que está a “poupar algum dinheiro” ao cliente, e na Estado de Alma comparecem ainda aqueles que “pura e simplesmente não percebem nada de moda” ou de como as peças de vestuário devem combinar-se entre si. “Esses clientes querem é uma listinha de conjugações possíveis para saberem que têm sempre uma opção de vestuário com que não passam vergonhas”, assegura Hélio Marques. Quando é esse o caso, o consultor de

Coimbra dá ao cliente a orientação solicitada, propõe-lhe diversas combinações-chave e incentiva-lhe também a "autonomia" de que irá necessitar no futuro; a Blossom, por sua vez, regista as suas sugestões num *book* em que cruza fotografias de diferentes *outfits* com notas sobre o que mais favorece o cliente em termos de tecidos e acabamentos, *lingerie* e acessórios, cortes de cabelo, etc.

Essas notas serão tão mais importantes quanto mais se considerar que o conhecimento teórico sobre as tendências da moda nem sempre tem correspondência na prática. "Sobretudo no que se refere a mulheres, há muitas que estão a par de tudo o que aparece nas revistas, mas depois não conseguem editar essa informação para selecionar o que melhor se adapta à sua fisionomia própria", explica Hélio Marques. É aí que o complexo do armário-grande-sem-nada-para-vestir se pode manifestar e com justificação real. "Se tudo o que tivermos no guarda-roupa nos ficar mal ou não soubermos conjugar as peças, o desespero é verdadeiro", nota Dora Dias. "Não encontramos lá nada que nos fique bem ou seja confortável, só vemos as horas a passar e isso torna-se um problema".

Uma consultoria completa começará com a avaliação "quase psicológica" do interessado

Detox de imagem: despesa ou investimento?

Independentemente da motivação que leva alguém a procurar aconselhamento quanto à sua imagem, uma consultoria completa começará com a avaliação "quase psicológica" do interessado e terminará com uma ida técnica às compras, em que a despesa é sempre assumida pelo cliente, de acordo com o seu orçamento pessoal e "sem qualquer obrigatoriedade de aquisição". Na Blossom esse serviço implicará 450 euros por 12 horas de trabalho; na Estado de Alma poderá chegar aos 700 euros, por 20 horas de acompanhamento.

Entre o início e o final desse processo, a tarefa em mãos é exaustiva e começa pela identificação dos objetivos que o cliente tem em vista ao requisitar a consultoria, com base na sua personalidade, nas suas funções profissionais e nos seus gostos pessoais. A essa análise de estilo segue-se um estudo de cores, para apurar quais as que mais favorecem o indivíduo, e depois processa-se aquilo que Dora Dias define como o "*closet detox*", que é o que acontece quando o consultor se lança à aventura no guarda-roupa do cliente para dele retirar todas as peças *out of style* ou que ele deve manter *out of mind*. Possíveis etapas seguintes: consulta de lingerie, aula de maquilhagem, exame de cabeleireiro e, finalmente, as compras – que uns acolhem bem e enfrentam com tempo para experimentar todas as peças, e outros "não suportam de maneira nenhuma", pelo que pedem aos consultores uma pré-seleção dos artigos e depois aparecem à hora marcada só para "ver tudo e pagar a conta". Pela sua pouca paciência para lojas, é precisamente essa clientela que, mais tarde, repete a consultoria. "Passados uns seis meses, as pessoas contactam-me outra vez e voltamos a ir às compras para a estação seguinte", conta Dora Dias.

Na Estado de Alma, um desses clientes regulares é José Pedro Sifredo, de 38 anos, gestor, fotógrafo e – embora ninguém tenha nada a ver com isso – heterossexual. "Ainda há um certo preconceito com estas coisas, é verdade, mas eu estou muito satisfeito com o serviço e dou o dinheiro que deixo com eles por bem gasto", confessa. "Antes, acabava por comprar mais peças sem saber bem o que fazer com elas e depois era capaz de passar um inverno inteiro sem as usar; agora, chamo o Hélio e a Vanda quando é preciso e, como ela já conhece o meu gosto, tudo o que me apresenta é na *mouche*. Acabo por rentabilizar muito mais o meu tempo e o meu dinheiro".

Até esse ponto, as inibições perderam-se aos poucos. No início, José Pedro ficava-se pelas opiniões da namorada e regia-se pelo critério dela de cada vez que gostava de uma peça que ela rejeitava liminarmente. Depois, foi-se convencendo da necessidade de uma mudança, por notar que se lhe acentuava o desconforto quanto às intermitências da sua indumentária. "Custava-me ter que vestir de uma determinada forma como gestor, quando eu me sentia mais confortável com o estilo que é permitido a um fotógrafo", desabafa. Finalmente, decidiu-se a apurar critérios, recorreu aos especialistas e, após esse aconselhamento, deitou fora "quase tudo o que tinha no armário". Aprendeu a conjugar melhor as peças, tornou-se mais assertivo nas compras. "Até já voltei à loja para ir comprar as calças amarelas de que a minha namorada não gostava", revela. Sente-se mais à vontade, sente-se "mais coerente". E garante que a expressão é mesmo essa: "Coerência. Porque a minha imagem agora corresponde muito mais ao que eu sou". •

Fotos: Ana Dias.

Na Blossom, Dora Dias acolhe cliente nacionais, do Brasil e de Angola. São os portugueses os mais tradicionais, pelo “medo de arriscar”.

PATRICIA AGUIAR

POR JORGE TEIXEIRA

LILIANA SABE DANÇAR

A vencedora da última edição do programa "Achas Que Sabes Dançar?" é a nova promessa do mundo das artes.

POR JOANA CLARA

Liliana Garcia, 25 anos, foi a grande vencedora do programa de entretenimento da SIC "Achas Que Sabes Dançar?". Esta menina-mulher encanta-nos com o seu sorriso doce, a sua sensibilidade inebriante e as suas coreografias inspiradoras. Muito provavelmente, reconhece-lhe o rosto do anúncio televisivo ao hambúrguer "Chigaco classic" da McDonald's, mas é a sua aura mágica que nos cativa e nos deixa absolutamente colados ao ecrã. Ela faz-nos acreditar que na vida há espaço para finais felizes e tempo para concretizar todos os nossos sonhos.
A jovem bailarina do Porto conquistou o público português, somou mais votos do que qualquer outro concorrente e levou para casa um prémio de 25 mil euros pela sua participação neste conceituado concurso de dança. Mas, mais importante do que isso, aninhou no coração as mais belas recordações. Fique a conhecer o perfil e as ambições de Liliana Garcia, numa entrevista intimista e repleta de emoções.

INSOMNIA Magazine: Qual é a sensação de teres sido a grande vencedora do programa "Achas Que Sabes Dançar?" da SIC?
Liliana Garcia: Agora, uma semana depois, consigo sentir-me muito feliz, porque, na altura e nos primeiros dias, só me sentia apática e incrédula em relação a esta vitória. Estava mesmo conformada de que seria um rapaz a ganhar e, ficando com o Vítor até à final, por mim era mais do que percetível de que seria ele a ganhar; então sentia-me muito tranquila no momento da entrega do prémio, daí o grande choque.
IM: Como descreves a tua relação com os membros do júri?
LG: Nunca tivemos muito contacto com o júri, à exceção do Marco nesta última semana, porque esteve connosco em palco e, por essa razão, teve ensaios ao mesmo tempo que nós. A Rita [Blanco] e o Joaquín [Cortés] foram sempre muito simpáticos, mas somente ao domingo é que nos cruzávamos com eles. Contudo, se eles sentissem que tinham algo a dizer, vinham ter connosco e falavam abertamente. Não são pessoas inacessíveis.
IM: Estavas à espera de chegar tão longe na competição?
LG: Eu queria chegar longe na competição: o meu objetivo era a final. Mas não pensei que o fosse conseguir. Lá está, sonhamos, mas depois conseguir tornar o sonho realidade é outra história.
IM: Levas sempre um amuleto da sorte para as tuas atuações?
LG: Em peças é mais complicado por temos um figurino próprio e o "meu amuleto" pode quebrar a personagem. Mas em audições e no meu dia-a-dia sim, está comigo.
IM: Com que idade começaste a dar as primeiras piruetas? Quais foram os primeiros passos, o primeiro contacto com o mundo da dança?
LG: Bem, piruetas só aos 18 anos, altura em que entrei para a Escola Superior de Dança, porque até lá só dançava *hip-hop* e treinava com o meu grupo para poder competir, mas tudo dentro da categoria *hip-hop*. Isto porque eu parecia uma pulga de cada vez que ouvia música em qualquer lado e o meu pai decidiu colocar-me num ginásio que tinha aulas de *hip-hop*, quando eu tinha cerca de nove anos.

> *"A vida é a melhor fonte de inspiração que podemos ter"*

IM: O que motivou a escolha desta área de expressão?
LG: Exatamente por isso, porque, por vezes, não necessitamos da voz para dizer o que sentimos ou o que queremos mostrar às pessoas. E a verdade é que mesmo quem não é entendido em dança sente algo, mesmo que não saiba o que é, quando vê alguém a dançar.
IM: De que forma é que a tua formação moldou a tua abordagem do mundo?
LG: Após ter entrado na Escola Superior de Dança e ter contacto com a dança contemporânea, fiquei muito mais sensível a pequenas coisas, pequenos gestos, pequenas sensações. E essa é a melhor parte, em que, para mim, a sensação vem primeiro e a estética do movimento depois. Assim faz mais sentido.
IM: O que te move e o que apaixona na dança?
LG: A felicidade que é dançar, mesmo que estejamos a falar de alguém que não dance. Por tentar, essa pessoa vai estar a sorrir. Esse é o poder da dança! Ficamos apaixonados pela vida.
IM: Quando é que começaste a entrar em competições desportivas?
LG: Tinha cerca de 12 anos e competi até aos 17.
IM: O que procuras transmitir através das tuas coreografias?
LG: Tudo depende do meu estado de espírito... Portanto, acima de tudo são momentos reais das minhas sensações e emoções, e é a isso que eu procuro ser fiel.
IM: Em que é que te inspiras? Qual a tua maior fonte de inspiração?
LG: Em todos os dias que já vivi e nos que ainda tenho para viver. A vida é a melhor fonte de inspiração que podemos ter, esteja ela numa fase boa ou menos favorável. Situações reais relacionadas connosco trazem o que há de mais verdadeiro à nossa arte.
IM: Quais são os teus bailarinos de referência? De que forma se refletem nas tuas performances?
LG: Sem dúvida que em Portugal, dentro da aérea da dança contemporânea, o Marco da Silva Ferreira está a um nível de sensibilidade artística que poucos conseguem alcançar e isso é maravilhoso de ver e sentir.
IM: Qual o momento do teu percurso artístico que mais te marcou?
LG: Dançar três peças do Hofesh Shechter foi algo que me deixou bastante realizada. Este género de movimento é algo que o meu corpo gosta de fazer. A nível interpretativo, "A Fuga sem fim", de Victor Hugo Pontes, sem dúvida.
IM: Qual a coreografia do "Achas que sabes dançar?" que consideras mais marcante? Porquê?
LG: A que mais me marcou foi a do Lukas McFarlane, que dancei com o ator Tomás Alves ao som da música "Chandelier", de Sia. Foi um momento em que tive que entrar num universo paralelo para que fosse real.
IM: Como é que te sentes ao ver o teu esforço e empenho reconhecido pelo público português?
LG: É a prova de que o trabalho foi bem conseguido e o carimbo no passaporte: "estás pronta para voar".
IM: Qual o maior sacrifício que já fizeste em prol da dança?
LG: Só o facto de querer por opção viver só da dança já é um sacrifício, porque não é nada fácil. Somos trabalhadores intermitentes; torna-se tudo uma bola de neve.
IM: Que conselhos podes dar aos jovens bailarinos que queiram tornar-se profissionais na área e abraçar a dança em toda a sua plenitude?
LG: Que não desistam, mas que, acima de tudo, quando lutarem por algo, o façam a 100% e sem medos.
IM: Se não tivesses optado pela dança, quais teriam sido os teus outros interesses?
LG: Tenho uma profissão paralela. Neste momento, estou a terminar o estágio de auxiliar veterinária numa clínica no Porto.
IM: Se te pedissem para resumires o teu trabalho artístico em poucas palavras, como o definirias?
LG: O meu percurso foi, sem dúvida, muito colorido. Saltei das competições para os palcos de grandes teatros. Em cima desses palcos, fiz peças e projetos bastante diferentes. Tive oportunidade de viajar pelo mundo graças a muitas das peças em que participei, o que também é ótimo. Por isso, sinto-me feliz com a minha escolha de vida.
IM: Quais são os teus planos para o futuro?
LG: No final deste ano ou no início do próximo, quero ir uma temporada para fora do país, fazer formação e conhecer um pouco mais do mundo da dança no estrangeiro.
IM: Dançar é o que desejas fazer para o resto da vida?
LG: Dançar não será possível, mas, sim, quero estar sempre ligada de alguma forma a este mundo, seja a ensinar ou a coreografar. •

Fotos: Ana Dias

ELENA & LIEN

POR NUNO PALHA

MODELOS: ELENA CARATA E LIEN VIEIRA;
MAKE-UP E CABELO: IVO CARDOSO.

Fotos: Eadweard Muybridge, Muybridge's Complete Human and Animal Locomotion

CHEGA DE PAREDES!

"A realidade não me impressiona. Eu só acredito em intoxicação, em êxtase. E quando a vida ordinária me algemar, eu escapo, de uma maneira ou de outra. Chega de paredes."
– Anaïs Nin

VIRGIN GALACTIC
viagens espaciais para mais tarde recordar

Apenas 547 pessoas na história viajaram até ao espaço. A empresa de Richard Branson quer aumentar esse número, abrindo a porta do turismo espacial.

POR JOANA CLARA

Já sonhou ser a personagem de Bruce Willis no *blockbuster* "Armageddon" ou conhecer pessoalmente os marcianos de Tim Burton que visitam o planeta Terra no filme "Marte Ataca"? Então saiba que pode fazê-lo com a companhia mundial de turismo espacial Virgin Galactic, do multimilionário Richard Branson. Em parceria com Burt Rutan, o responsável pela projeção da SpaceShipOne, Branson criou uma frota de aeronaves capazes de conduzir uma miríade de passageiros à Via Látea, com direito uma aventura indescritível. Fique a saber que as reservas das viagens começaram a ser feitas corria o ano de 2005, apesar de os aparelhos terem sido apresentados ao público apenas três anos depois. A aeronave SpaceShipTwo e o turbojato WhiteKnightTwo partiram rumo ao espaço em 2010, data que marcava então a viragem na história das novas tecnologias. Em outubro de 2012, nascia o primeiro aeroporto espacial do mundo, no estado do Novo México, nos EUA.
Restrições no que toca à realização desta jornada? Não existem! Na verdade, o programa inclui alguns dias de preparação por parte dos participantes, sendo que a viagem em si pode ter uma duração de três horas e meia, contando, pois, com a descolagem e o regresso a solo terrestre.
Apesar do incidente ocorrido no final do ano passado e de algumas desistências após este acontecimento, o turismo espacial atingiu uma magnitude surpreendente com esta companhia, que promete continuar a apostar em voos seguros e a proporcionar experiências inesquecíveis aos tripulantes.

Taberna moderna & LISBONITA

O espaço requintado onde a cozinha ibérica encontra o gin.

POR CARLOS DIQUERCIA

Algures no Campo das Cebolas encontrámos uma perfeita dualidade entre um restaurante e um bar de *gin*, a Taberna Moderna/Lisbonita, que reúne o melhor dos dois.
A ementa é um organismo vivo. Renova-se, assume riscos e é essencialmente de fusão. Junta com mestria as cozinhas de Portugal e Espanha com *flirts* ocasionais à cozinha asiática, pela mão da *chef* Marisa Landeiro.
Os pratos são desenhados para partilhar e funcionam na perfeição com a extensa carta de *gins* que o Lisbonita oferece. A Taberna Moderna é daqueles espaços aonde se regressa. Pela comida, pelas pessoas, pelo *gin* e pela forma como acabamos por sair do restaurante sem ter a noção de ter estado num.

RUA DOS BACALHOEIROS 18A, 1100-187 LISBOA

PENSÃO AMOR

Um bar sensual, quase afrodisíaco, para despertar a imaginação.

POR GONÇALO PINTO JORGE

A Pensão Amor é um dos locais mais ecléticos da noite da capital e continua no epicentro da moda no Cais do Sodré há já vários anos. Aqui cada sala está decorada com adereços que acrescentam sensualidade ao espaço, desde fotografias antigas de mulheres sem roupa a pinturas e a esculturas que despertam a imaginação. Há espelhos no teto, palavras nas paredes e uma casa de banho capaz de fazer corar qualquer um. O quarto de *tarot*, a *sex-shop*, a biblioteca erótica, e a sala do varão (sim, porque aqui também há *pole dance*) são, sem dúvida, os pontos altos deste bar. Um local para tomar um copo, conversar e, talvez, partilhar o sofá com estranhos. Um sítio imperdível.

RUA DO ALECRIM 19
CAIS DO SODRÉ, 1200-292 LISBOA

Fotos: Carlos DiQuercia. Ana Dias

UMA CERVEJA ARTESANAL, POR FAVOR

Beber cerveja artesanal é uma experiência única, e o melhor é que não é preciso procurar longe: há qualidade produzida em Portugal.

POR JOÃO GONÇALVES

Eu já ando nisto há uns anos. E posso dizer-vos que, se passam a vida a beber Sagres, Super Bock, Carlsberg ou Heineken, andam a perder muita coisa. Eu sei que muitas vezes é chato dar mais que 1,5 euros por cerveja mas, quando vão a um bar e recusam o *gin* ou o *whisky* mais barato, estão a dar-me razão: quando é para beber, é para beber decentemente. De facto, isto devia ser aplicado a tudo o que fazemos na vida. Se é para fazer alguma coisa, mais vale fazê-la bem do que não a fazer. E o fantástico ato de beber cerveja é só mais um. Portanto, um conselho: passem a beber cerveja artesanal. Neste caso, a portuguesa.

Beber cerveja artesanal é uma experiência diferente. É diferente a cada cerveja que se experimenta e não se cai na pasmaceira do fino ou imperial (dependendo do sítio onde se está). Uma cerveja de uma grande empresa tem pouco de cerveja, acreditem. Muitas são feitas com arroz e o gás é quase sempre artificial. Uma das vantagens das cervejas artesanais é que são sempre cervejas a sério – 95% delas produzidas com malte (e não arroz), lúpulo, água e levedura. Os outros 5% são produzidos com "aditivos" especiais como frutos vermelhos, frutos secos, {inserir produtos naturais}, etc. Conclusão: não há nada que seja artificial. Nem a gaseificação. Posto isto, não pensem que fazer cerveja artesanal é fácil. O facto de se lidar com produtos naturais e, consequentemente, com a qualidade deles pode fazer a diferença entre ter uma cerveja boa e uma cerveja má. Mas, felizmente, em Portugal há cada vez mais produtores de cerveja artesanal digna de ser falada.

Olhando de esguelha para a listagem do *site* Cerveja Artesanal Portuguesa, encontram-se praticamente 50 projetos diferentes que se lançaram no negócio da produção do néctar dos deuses. Pelo meio alguns desistiram, outros não conseguiram escalar, mas outros – poucos – conseguiram fazer algo que é difícil apesar do *hype* todo à volta da cerveja: ser reconhecido por um produto tão difícil de conceber em condições não industrializadas.

Portugal conta com alguns produtores profissionais, mas para vos poupar algum tempo de descoberta, vou afastar-me um pouco do papel de padrinho de todo o panorama nacional e dar um pouco das minhas preferências. Sim, porque um homem tem que gostar mais de alguma coisa: loiras, pretas ou ruivas, não é?

Há dezenas de formas de tipificar uma cerveja, mas neste caso vamos tipificá-las de uma perspetiva de aprendizagem e de imersão no mundo dessa bebida. Para começar, vamos partir da típica Sagres ou da Super Bock, cujo tipo de cerveja é American Adjunct Lager (AAL) e não Pilsners como elas dizem ser. Evoluindo daí, o mais próximo que conseguem encontrar nas prateleiras são Pilsners a sério. Em Portugal, a Maldita Bohemian Pilsner é uma boa opção para começar. Muitos produtores nacionais começam essencialmente com duas receitas – as Pilsners e as Weissbier, também conhecidas como cervejas de trigo, tipicamente alemãs. Estas cervejas já têm uma qualidade média muito superior às AAL e são uma ótima primeira experiência. Em Portugal, a Mean Sardine Tarrafa, a Letra A e Medievalis Weissbier são ótimas apostas. Chegar aqui é fácil. O difícil é continuar. Continuando numa lógica de cervejas não tão diferentes umas das outras, mas cada vez mais completas e com experiências cada vez melhores, avançaria para as pretas. Uma boa Stout feita em Portugal que se pode encontrar durante todo o ano é a Toira Ouro Negro. A nível de edições especiais, a Sovina lançou há pouco a Baltic Porter que vale a pena conhecer.

Indo por outro caminho, também se pode seguir pelas típicas "belgas". As belgas produzidas em Portugal (soa estranho, não é?) são normalmente Belgian Dark Ales correntemente batizadas como Ambar graças à cor que têm. Quem deve ser destacado nessa categoria é a malta da Praxis e da DEUSA. A Praxis Ambar e a DEUSA Celta são duas ótimas cervejas portuguesas nessa categoria.

Dentro daquilo que ainda é possível encontrar com alguma facilidade em Portugal, devemos falar das IPAs. As IPAs são um dos estilos mais consumidos entre os apreciadores de cerveja artesanal. Têm nas suas características o corpo cristalino, o sabor bastante expressivo e, sobretudo, um amargor forte. Em Portugal tem que se destacar imediatamente tanto a Passarola Brewing como a Sant'Ana LX Brewery, ambas com as suas IPAs.

Outras cervejas que devem beber pelo menos uma vez: Sovina Bock, Mean Sardine Amura e Maldita Imperial Russian Stout. Também não devem deixar passar as Amphoras, as cervejas da Oitava Colina, da Arrábida Beer Company e Post Scriptum.

Como podem ver, têm muito por onde começar. Felizmente Portugal está viver uma óptima época para o consumo de cerveja. Tanto a nível de oferta como a nível de qualidade. Já temos cervejas dignas de serem reconhecidas lá fora e as medalhas que a Vadia e a Maldita já trouxeram para este cantinho à beira-mar plantado só mostram que somos um país muito interessante a esse nível. Agora metam essas cervejas normalíssimas de lado e comecem a beber cerveja de homem. *Cheers*!

FOLLOW JANI

Fomos espreitar a vida da manequim portuguesa no Instagram.

Jani Gabriel tem 24 anos e é uma das manequins portuguesas mais requisitadas. É linda, tendo inclusivamente sido eleita como "a jovem mais sexy de Portugal" e, como se isso não lhe bastasse, é divertida e inteligente! A sua carreia iniciou-se aos 14 anos e, desde então, vive rodeada de *glamour* e gente bonita, mas é com os pés bem assentes na terra que gosta de estar, sem se perder em futilidades. Concluiu a licenciatura em Psicologia e prossegue a sua formação em Neuropsicologia. Uau!

Siga a Jani em:
instagram.com/jani.og

Fotos: instagram.com/jani.og

A VIDA É DURA PARA QUEM É MOLE

POR JORGE DANIEL

Faz agora cinco meses que estou de volta a Portugal. Estive a viver dois anos em França, mas não há dúvida que Portugal é o melhor país do mundo para viver. Para trabalhar é que é uma bela merda. Os meus primeiros quatro meses foram muito bons porque não tive que trabalhar nem fazer nenhum esforço de agarrar em coisas pesadas e isso. Só uma vez é que o meu tio Fax me pediu para ir com ele encher a carrinha de cepos velhos e ramadas de eucaliptos, mas depois no fim ainda me deu um saco de pinhas e duas laranjas. Aqui em Portugal a minha mãe faz sempre o almoço, o jantar e ainda me prepara uma taça de chocapic à noite antes de eu ir para a cama. Em França tinha que ser eu a cozinhar sandes e essas cenas porque o meu pai trabalhava até tarde e chegava a casa cansado e aos gritos. Uma vez até partiu a porta da casa de banho porque o Cedric estava lá a cagar há muito tempo. No início de janeiro decidi mudar um bocado a minha vida e procurar a independência dos meus pais, por isso transferi o meu quarto para a cave onde agora vivo e durmo todos os dias. Foi um bocado complicado ao início porque não tinha luz natural e era muito frio, mas agora já me habituei e os meus pais não sentem muitas saudades porque veem-me sempre às refeições, quando vou à casa de banho ou quando estou na sala a ver televisão com eles. A minha vida foi muito boa até começar a trabalhar no restaurante "O Pêra" na Chainça. Estava convencido de que ia ser DJ na Kayenne ou no Clip's bar, mas, no centro de emprego, o mais próximo que encontraram foi a lavar pratos. Então a minha vida agora é de sofrimento e exploração, às vezes até tenho que ficar mais meia hora porque os pratos da manteiga pelos vistos também têm que ser lavados, não é suficiente abanar só as migalhas. A vida é dura para quem é mole, como dizia o António Sala ou lá quem era. O que interessa é que a vida também é mole para quem é duro.

Ps. Queria agradecer o convite para escrever para esta revista que eu acho que é mesmo das melhores que andam aí. Pelo que ouvi dizer tem vendido muito e se calhar vai começar já a vender noutros países e isso. Gostei muito da capa e já imprimi algumas páginas para ler na casa de banho. Curiosamente, essas páginas são todas com altas babes. Gosto disso, só tenho medo é da fúria do meu pai. Boa sorte!

Ilustração: Nuno Saraiva

lorenz bell®
connecting the future
www.lorenzbell.com